

A vida e obra de Jules Verne desde a óptica Iberoamericana

Mundo *Verne*

Número 5
Maio - Junho de 2008
Edição em português
ISSN: 1996-7454

Viagem debaixo das águas

Verne em **Copenhaga**

A última profecia de
Caravaca

O correio do **czar**



Disponível em: <http://jgverne.cmaact.com/Misc/MVActual.htm>

Do que se sabe em matéria de Verne e o que ainda permanece bem guardado

Verne é ainda estudado. Muitas das pessoas que contacto, surpreendem-se frequentemente por saberem que existem especialistas que se dedicam ao estudo da vida e obra de um só escritor. Alguns acham-no aborrecido. Outros dizem que é fechado. O certo é que o interior do cosmos verniano encerra algo mágico para todo que o apreciam.

E tenho este comentário de introdução porque quero informar aos leitores de *Mundo Verne* sobre o que chegará nos próximos meses, relacionado com o escritor a quem dedicamos estas páginas seis vezes ao ano.

Volker Dehs, um dos maiores especialistas vernianos tem vindo a elaborar, desde há dezassete anos, a biografia mais completa que se conhece sobre as obras do escritor francês. Sobre ele, no sítio de Zvi Har'El aparece um extracto de toda a informação que Dehs pode proporcionar-nos num futuro próximo. O término da publicação -chamemo-la assim- e a sua forma ainda é desconhecida, mas será, sem dúvida, um material importante para investigadores e leitores.

Um novo livro de Verne que se anunciou desde 2006 e que ainda não encontrou editora, é *Le Salon de 1857*, uma recompilação de artigos escritos por Jules para a exposição parisiense desse ano. O activo Volker

e William Butcher colocaram neste livro uma boa quantidade de anotações e comentários. O próprio Bill pretende publicar em breve a segunda edição da sua biografia com correcções, acrescentos e mais de 100 fotos e imagens.

Philippe Valetoux publicou, faz dois anos, *En mer et contre tous* onde fala de Verne e da sua faceta de viajante pelos mares europeus. O diário de viagem de Verne das suas visitas à Escandinávia, conhecido como *Carnets de voyage* e de que Valetoux menciona excertos, também espera na fila da publicação, mas neste caso a sua saída é bloqueada pela Biblioteca de Nantes que o tem bem guardado e não permite a sua edição.

Neste verão deve aparecer algo esperado desde algum tempo. Trata-se da publicação em formato digital das 13 000 folhas de manuscritos do autor gaulês, em imagens de alta qualidade com a introdução e comentários de um especialista.

Por último, o nosso amigo Bernhard Krauth colocará, num futuro próximo, à disposição dos vernianos um DVD com as ilustrações de Verne, sem qualquer interesse comercial e com máxima qualidade.

Mas isto não é tudo... haverão muitas surpresas para os próximos anos. Projectos que dos quais agora não se pode falar. Apenas resta esperar. Verne continuará sendo notícia ●



Sobre a imagem da capa

Extraída de *Vinte mil léguas submarinas*, livro publicado por Jules Verne em 1870. Feita por Alphonse Marie de Neuville que ilustrou o livro quase na sua totalidade, com a colaboração de Edouard Riou e o ilustrador Hildibrand. Mostra o capitão Nemo em plena luz do dia fora do seu submarino no momento em que está e medir a altura do Sol com a ajuda de um instrumento.

Sumário

- 3 **Universo verniano**
- 4 **A imagem e semelhança**
- Uma viagem ao extraordinário**
- 5 O correio do czar
- O dono no mundo**
- 9 Verne em Copenhaga
- Influências**
- 14 A última profecia de Caravaca
- Terra Verne**
- 19 Viagem debaixo das águas
- Em ecrã**
- 23 De umas secretas aventuras...
- Sem publicação previa**
- 26 Pierre-Jean. Capítulo 5
- Cartas gaulesas**
- 29 Duas cartas a Pierre

© 2008. Mundo Verne.

Revista bimensal em castelhano e português sobre a vida e obra do escritor francês Jules Verne.

Director e desenhador

Ariel Pérez.

Conselho editorial

Ariel Pérez

Cristian A. Tello

Yaikel Águila.

Tradução portuguesa

Frederico Jácome

Carlos Patricio.

Internet

[http://jgverne.cmact.com/Misc/](http://jgverne.cmact.com/Misc/Revista.htm)

[Revista.htm](http://jgverne.cmact.com/Misc/Revista.htm)

Correio-e: arielpr@gmail.com.

Distribuição gratuita.

Os artigos colocados expressam exclusivamente a opinião dos autores. É permitido copiar, distribuir, mostrar e fazer trabalhos derivados dos materiais que estão nesta revista, sempre que se cite a fonte de onde foi obtida, não se pode retirar material para produzir produtos com fins comerciais e se se fizerem trabalhos derivados deve-se compartilhá-los com esta mesma licença. Publica-se sob a licença *Creative Commons*





Continuam as expectativas com Viagem 3D

O anúncio de há uns meses da saída neste verão de uma adaptação cinematográfica de *Viagem ao centro da Terra* de Jules Verne continua a gerar expectativas entre os amantes do cinema e das obras do francês.

Trata-se de uma versão em 3D que será interpretada pelos actores Brendan Fraser, Josh Hutcherson e Anita Briem.

Foi criado recentemente um site para promover o filme onde disponibilizaram algum material promocional e a sinopse desta versão. Teremos que esperar por Julho para ver, no cinema, a nova adaptação.

Viagem sobre os passos de Jules Verne em Quebec

De 19 a 29 de Julho deste ano, se celebrará em Quebec o evento organizado pelo Centro Internacional Jules Verne.

A inscrição para participar ainda está aberta e é proposto que as pessoas que assistirem participem numa viagem de estudo que as permita descobrir a história de Quebec sobre os passos da obra verniana *Família sem nome*.

Os organizadores pretendem efectuar conferências, espectáculos e programar visitas. Vários especialistas de renome têm assegurada a sua participação para conversar sobre o tema principal.



Aparecem alguns artigos vernianos de interesse

Continuam a aparecer novos elementos relacionados com a vida e obra do escritor das Viagens Extraordinárias. Entre Abril e Maio têm aparecido alguns novos. No início do quinto mês deste ano foi posto à venda um manuscrito do autor dirigida a Madame Wagnière num tom formal em resposta, tudo indica que sim, a uma anterior carta. No final de Abril inaugurou-se o novo local dos Arquivos Departamentais da cidade de Nantes. Na cerimónia apresentaram-se vários elementos interessantes de numerosas personalidades, entre eles, o contrato de matrimónio entre Jules e Honorine.

Nosso amigo Fred volta com novo selo

Frederico Jácome, de Portugal, chega-nos com outro selo. Já conhecíamos o selo comemorativo que tinha apresentado aos Correios de Portugal pelo aniversário da primeira visita de Jules ao seu país. Agora acaba de desenhar outro para celebrar o 125º aniversário da segunda visita do escritor ao território lusitano. Fred necessita, neste momento, do voto de uma grande quantidade de vernianos com o objectivo que o seu selo seja aprovado e se possa emití-lo com êxito, tal como foi o do ano anterior. Necessita estar entre os 10 primeiros selos para aceder a tal emissão. A votar, vernianos!

Em poucas palavras

Recentemente, publicou-se, em Itália, o livro *Viaggi fantastici*, editada pela Biblioteca Universale Rizzoli num grande volume de 1260 páginas. Trata-se de um compêndio de cinco obras de Verne: *Viagem ao Centro da Terra*, *Da Terra à Lua*, *À volta da Lua*, *Vinte mil léguas submarinas* e *A volta ao mundo em oitenta dias*.

....

Continua a construção do novo Saint-Michel II, réplica exacta do segundo barco de Verne, de 15 metros de comprimento. A Calle Il L'île, uma associação que conta com mais de 150 membros e um prestigioso comité de apoio presidido por Jean Verne, bisneto do autor francês, tem trabalho agora com mais entusiasmo do que antes e já há imagens disponíveis do veleiro.

....

Foi publicada em Abril pela editorial *Encrage* um livro de mais de 500 páginas onde através delas diversos especialistas analisam as invenções das obras vernianas em relação aos géneros que escreveu: histórias de aventuras, de viagem, de aprendizagem e sentimentais.

....

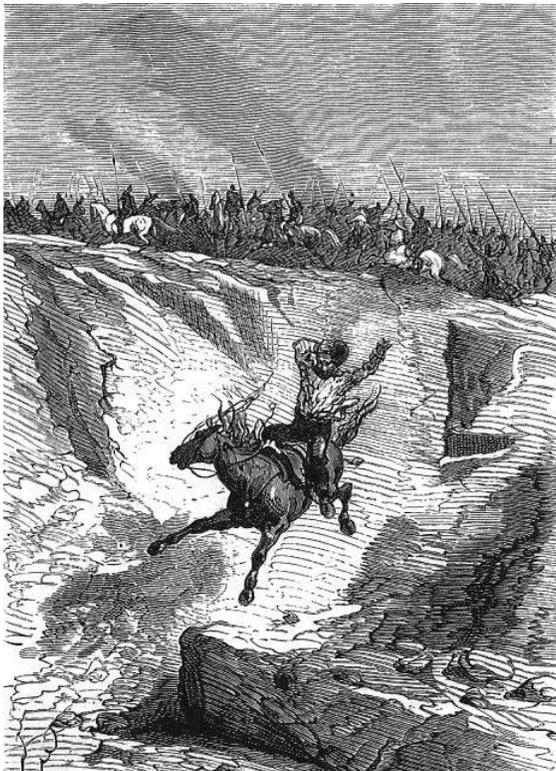
A meio de Abril foi lançado o segundo número do boletim *Excelsior!* da jovem sociedade japonesa de estudos vernianos, fundada em 2006. Verne já está no continente asiático! Em boa hora os japoneses fizeram a sua publicação!

....

Edições B de Barcelona publicou uma recompilação de Jules Verne com as capas da antiga série de *Jóias Literárias Juvenis*, ilustradas a cor e de grande popularidade nos anos 70 no mundo hispânico.



A lâmina incandescente do sabre passou diante dos olhos de Miguel Strogoff. Ressoou um grito de desespero. A anciã Marfa caiu inanimada ao solo.



Chegou um momento em que o cavalo, não podendo ser guiado em linha reta por seu cavaleiro, se descontrolou e saiu correndo direto a um barranco que ladeava o caminho.

Se fala de... Miguel Strogoff

Verne o descreve como “um homem alto, vigoroso, de ombros largos e peito robusto... Tinha o temperamento do homem decidido, que adota rapidamente uma resolução, que não rói as unhas na incerteza, que não coça as orelhas na dúvida, que não resvala na indecisão.”

O difícil trajeto do correio do czar desde a capital russa, Moscou, até as geladas terras siberianas, para levar uma mensagem secreta ao governador daquelas latitudes, descreve Miguel Strogoff como o personagem mais humano dos criados por Verne, um verdadeiro canto à lealdade, pois, além da aventura, o protagonista da obra é um homem que sabe emocionar-se, um ser humano de sentimentos profundos e verdadeiros.

Nem o perigo que corre sua própria mãe, ao cair nas mãos de seus adversários, conseguem desviá-lo de sua patriótica missão enquanto atravessa os milhares de quilômetros que o separam de seu objetivo. Mesmo perto de ficar cego, Strogoff não esmorece; para ele, não existe guerra, invasão ou tortura que possam detê-lo.

Ainda que não possua os conhecimentos científicos dos engenheiros e sábios dos romances de Verne que, na verdade, pouco lhe serviriam em seu percurso pelas estepes, desafiando os montes Urais e as ameaças tártaras, o mensageiro imperial tem o dom da improvisação, e perante tudo é forte e determinado a levar a cabo a suicida empresa que a ele havia sido designada; missão da qual depende a salvação de seu país invadido pelos mongóis.

Miguel Strogoff alcançará dimensões quase épicas em sua desesperada tentativa de entregar a carta; um grande gesto para um só homem, cuja coragem e integridade o aproximam do heroísmo. Como agente secreto do czar, é um homem de ação e deve agir incógnito e vencer todas as dificuldades que surjam em seu caminho através de um território abalado nessa época por levantes e guerras e crivado de espiões traidores do Império Russo.

Seu conhecimento da Sibéria era uma circunstância favorável ao êxito do projeto, já que, nas palavras do autor: “Miguel Strogoff conhecia com perfeição o país que ia atravessar e compreendia seus diversos idiomas, não só por o haver percorrido antes, mas também porque era de origem siberiana”.

A história do correio do czar é uma aventura impregnada de valor, lealdade, amor, heroísmo, humor e risco além do dever; elementos que se mesclam durante sua viagem desde Moscou até Irkutsk, percorrendo paisagens de enorme beleza.

Raças, costumes, tradições, povos; nada permanece sem a descrição de Verne, que realiza no livro um autêntico exercício de pedagogia histórica e geográfica ●

O correio do czar

Cristian A. Tello

Verne recria a natureza do território russo e descreve uma de suas mais interessantes histórias de aventuras, muitas vezes esquecida



Uma invasão tártara romanceada

“Estou envolvido no livro com uma paixão que poucas vezes senti! O tema é esplêndido e permite situações que me parecem belíssimas!”

Com essas palavras, cheias de entusiasmo, escreveu Verne ao editor Hetzel referindo-se a *O Correio do Czar*, sua nova obra inspirada na geografia russa.

“Lanço-me pela Sibéria de tal forma que não posso deter-me nem um dia! Sim, me parece que tudo vai bem e sigo em frente com paixão!”, acrescenta ele em outra carta. Porém, enquanto Verne trabalha com denodo para dar credibilidade a seu ambicioso painel da Rússia czarista, seu editor, que depositava grandes esperanças naquele livro, pensava também em seus leitores russos, desejando que a novela lhes agradasse e temendo ofender a mais de um habitante do local.

Verne, a quem preocupava tanto quanto a Hetzel as possíveis dificuldades políticas, decidiu visitar, juntamente com seu editor, o embaixador russo em Paris, para submeter o texto à sua aprovação. O príncipe Orloff não mostrou apreensão alguma, ainda que lhes sugerisse a troca do título por precaução. Ambos haviam contado também com o privilégio de que o ilustre escritor russo Ivan Turgueniev, amigo e conselheiro literário de Hetzel. A vasta documentação que Verne transmite sobre a História e Geografia russas, assim como dos usos e costumes dos povos russos e siberianos, tomada das fontes contemporâneas mais fidedignas, era tão precisa que o próprio Turgueniev tampouco encontrou objeções à obra.

Cada dia mais prudente e atento a seus interesses comerciais, Hetzel obrigou Verne a eliminar “tudo o quanto pudesse atri-

buir ao atual czar ou a seu pai”, assim como a substituir o título inicial de *O Correio do Czar* pelo de *Miguel Strogoff*. Então o livro recebeu esse nome, ainda que não impedisse de se apresentar o protagonista, desde o princípio da história, como o correio do czar. Em várias cartas a Hetzel sobre o assunto, nota-se claramente a irritação do autor, só refreada por seu carinho e respeito pelo editor. Mas este, convencido de que tinha ao alcance da mão uma obra excelente, dá suas próprias contribuições, motivado em grande parte pela convicção de que é necessário incluir personagens e incidentes “graciosos” para temperar a árdua missão do mensageiro.

Ainda que tenha aceite, com pesar, a mudança do título original de sua obra, Verne não está disposto a ceder no tocante à invasão tártara em que se baseia o romance. Hetzel, inquieto pelas repercussões que pudesse ter a publicação do relato no momento em que a diplomacia francesa tentava uma aproximação com a Rússia, sugere ao escritor que inclua um prólogo, onde advertiria a seus leitores de que se tratava de uma história imaginária. O autor opina que esse prólogo poderia aparecer na revista e na tradução para o russo, mas se nega a que seja incluído semelhante aviso na edição francesa do livro, sustentando “que está no exercício de seus direitos de escritor”.

Em poucas ocasiões Verne se mostrou rebelde perante seu “pai espiritual”. Já se havia mostrado condescendente em suprimir toda referência ao czar atual, Alexandre II, e ao pai deste, Nicholas I, mas reivindicava seu direito de escrever sobre eventos que constavam como provados, afastando-se da realidade excepcionalmente, somente com o intuito de suavizar as críticas ao regime autocrático da Rússia. Sua tenacidade lhe daria razão, já que o êxito do livro foi estrondoso e preparou o terreno para um dos maiores sucessos teatrais de todos os tempos, além de proporcionar seu maior retorno financeiro, junto com *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias*.

Sobre o autor



destro777@hotmail.com
<http://www.geocities.com/paginaverniana/ctd.htm>

Engenheiro peruano que mantém um site na Internet sobre Verne desde 2004. É um dos vernianos mais ativos na América latina. Escreve artigos sobre o escritor, que publica em seu site. Também traduziu para o espanhol vários textos inéditos do francês. É um dos fundadores da *Mundo Verne*.

Características e estrutura da obra.

Miguel Strogoff foi publicado em capítulos sucessivos no *Magasin d'Education et de Récréation* de primeiro de janeiro a 15 de dezembro de 1876. Nesse ínterim, surge como livro em dois volumes: o primeiro no verão desse ano e o segundo no outono.

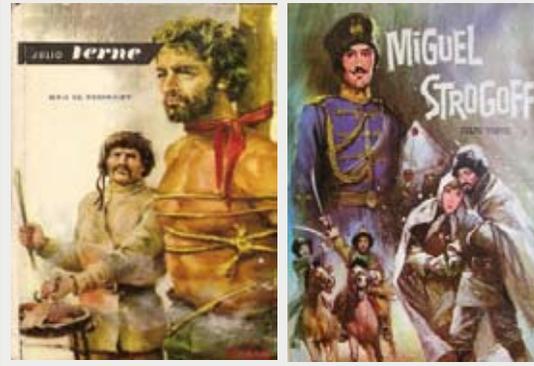
Em novembro é publicado em volume duplo sob o título: *Miguel Strogoff, De Moscou a Irkutsk*, junto com *Um Drama no México*, o primeiro conto da juventude do autor. Escrita entre 1874 e 1875, *Miguel Strogoff* inicia o ciclo de romances em que Verne se baseia na História, diferentemente de suas costumeiras obras científicas. Nesse caso, fixa sua atenção na expansão czarista na Ásia, com os conflitos entre Rússia e as províncias de Bujara, Jiva e Kunduze no Turquestão.

O relato descreve a invasão a Irkutsk, principal cidade da Sibéria, governada pelo grão-duque, irmão do czar, por parte de uma legião de tártaros encabeçados pelo personagem fictício Feofar Khan e o traidor russo Ivan Ogareff.

Após o corte das linhas telegráficas pelos rebeldes, o czar que governa a Rússia decide enviar uma importante mensagem ao grão-duque, advertindo-o do perigo iminente que o ameaça. Esta missão é suicida, pois o homem que a levará a cabo terá que cruzar as linhas inimigas tártaras através da estepe, expondo-se a ser capturado num extenso trajeto que o levará de um extremo a outro da Rússia imperial.

O capitão do grupo de correios do czar, Miguel Strogoff, será o oficial encarregado de percorrer mais e 5.500 quilômetros até Irkutsk para entregar a carta ao grão-duque. Em seu percurso conhecerá Nadia, uma bela jovem que também viaja até aquela cidade para reunir-se a seu

Capas das edições castelhanas



Capas das edições francesas



pai e converte-se, desde então, em sua incondicional companheira. Também conheceremos pessoas de todos os rincões do caminho pelos quais passam Strogoff e Nadia, e nos veremos submersos com eles na ação.

Verne acrescenta a virtude de aliviar a tensão narrativa com o surgimento de correspondentes de guerra de várias potências ocidentais da época, como o jornalista francês Alcide Jolivet, junto ao inglês Harry Blount, que viajam à Sibéria em busca de notícias.

Durante sua arriscada viagem, Miguel Strogoff segue uma rota definida mas repleta de sobressaltos, enquanto que o traidor Ivan Ogareff segue seus passos com eventual calma e os repórteres marcham livremente recolhendo informações para seus periódicos. Todos viajam à Sibéria ao mesmo tempo por rotas similares, porém não idênticas, e com distinta capacidade de adaptação, o que os levará a cruzarem caminhos em um sem-fim de aventuras.

Miguel Strogoff é um romance épico, onde a viagem argumental se converte em viagem iniciática para o protagonista. O leitor segue de perto as peripécias de Strogoff, já irremediavelmente preso desde o momento culminante em que suporta uma lâmina de sabre em brasa passar diante de seus olhos, acompanhando o correio do czar pelas inva-

das estepes siberianas, compartilhando com ele sua valentia.

Trata-se, sem dúvidas, de uma narrativa de aventuras cheia de ação frenética e sustentada até o final, composta de trinta e dois capítulos e dividida em duas partes, concebida para entreter ao leitor e embarcá-lo numa fascinante viagem através da Rússia czarista do fim do século XIX.

O argumento

Quando se realizava uma festa no Palácio Novo da Rússia, o czar recebe a nefasta notícia de que uma invasão



"Filho meu", exclama ansiosa a anciã Marfa ao reconhecer Miguel.

tártara ameaça o império. As hordas sublevadas se dirigem à Sibéria, governada pelo grão-duque, irmão do czar, com a intenção de apoderar-se de Irkutsk, principal cidade da região, a fim de tomar o controle absoluto da Rússia oriental. Na investida, os vândalos insurretos arrasam povoados e vencem as tropas imperiais, criando pânico entre a população.

O líder tártaro, Feofar Khan, proveniente das longínquas comarcas do Turquestão, tem por aliado o traidor Ivan Ogareff, um oficial russo degradado por haver conspirado contra o Império, cuja ambição era vingar-se do czar e do grão-duque, ascendendo ao poder por meio de uma sublevação. O grão-duque desconhece que Ogareff é um inimigo mortal que vem a Irkutsk sob nome falso para oferecer seus serviços, ganhando sua confiança e facilitando a entrada dos tártaros, que o tomarão como refém. Conhecidas as intenções dos chefes invasores, o czar decide de imediato avisar a seu irmão que um complô se prepara contra ele.

Porém as linhas telegráficas, estrategicamente cortadas, o obrigam a conferir o envio de sua mensagem ao melhor de seus carteiros. No corpo de correios da guarda imperial só existe um homem capaz de levar o comunicado real: o capitão Miguel Strogoff, nascido na Sibéria e conhecedor da zona convulsionada. De Miguel Strogoff se diz ao czar que é um homem que não conhece o medo e que suporta o frio, a fome, a sede e o cansaço; em resumo, um herói consumado que vai mostrar-se digno da confiança nele depositada.

Mas o mensageiro é consciente dos perigos da missão: a extensa e difícil viagem em segredo através da Rússia e Sibéria até Irkutsk, a crueldade dos tártaros e o cuidado que deve ter com o traidor Ogareff, mas aceita a missão motivado pela sua lealdade ao czar. Para a viagem lhe é outorgada uma credencial para obter cavalos, subir em um trem ou um barco ou qualquer

Os personagens do romance

- Miguel Strogoff. 30 anos, de origem siberiana, era o mais intrépido oficial do correio imperial, o único capaz de cumprir a arriscada missão encomendada pelo czar da Rússia.
- Nádia Fedor, nascida em Riga, é uma jovem livônia que viaja com Strogoff até Irkutsk para reencontra-se com seu pai. Será os “olhos” do correio do czar quando este perde a visão.
- Alcide Jolivet, jornalista francês originário de Provença, que mantém em reserva para que diário trabalha durante toda a sua viagem com os protagonistas até a Sibéria.
- Harry Blount, correspondente de guerra inglês, oriundo de Lancashire, trabalha para o conhecido Daily Telegraph. Ainda que viaje junto a Alcide Jolivet, vê no francês um competidor que acabará por antecipar-lhe as notícias.
- Ivan Ogareff, ex-oficial russo degradado por conspiração contra o império. Após ser indultado, organiza uma sublevação contra o czar, apoiado por chefes tártaros dispostos a lançar suas hordas sobre as províncias siberianas.
- Feofar Khan, emir de Bujara e principal colaborador de Ogareff, é o chefe supremo das legiões tártaras que se lançam contra a cidade de Irkutsk.
- Sangarra, cigana e confidente de Ogareff durante seu percurso até à Sibéria.

meio que lhe facilite a travessia. É assim que, disfarçado de comerciante e adotando a identidade de Nicolas Korpanoff, o correio embarca no trem que se dirige ao leste, ali conhecendo Nádia Fedor, uma bela jovem que

vai em busca de seu pai residente em Irkutsk, a quem se acusa injustamente de conspiração.

Também conhecerá os correspondentes de guerra, o inglês Harry Blount do *Daily Telegraph* e o francês Alcide Jolivet, que deve escrever para sua “prima Madeleine”. Ambos seguem a mesma rota de Strogoff, separando-se e reencontrando-se várias vezes no caminho a Sibéria. Juntos enfrentam muitos perigos como a presença de um urso selvagem, uma tempestade, um enorme precipício e as tropas de Ogareff.

Outra dura prova para Strogoff é a proibição de visitar sua idosa mãe ao passar pelo povoado natal onde viveu sua infância, sob risco de ser identificado; e ainda que não planejasse a encontrar ali, assim ocorreu. Quando Marfa Strogoff o reconhece em uma pousada e o chama de “filho” ele foge rapidamente, negando o parentesco e afirmando que se chamava Nicolas Korpanoff. Porém Ogareff toma prisioneira a anciã logo depois de ser informado pela cigana Sangarra, sua confidente que havia pre-



Strogoff fere mortalmente o traidor Ogareff após baterem-se em duelo.

senciado a cena.

Apesar de sua dedicação e coragem, o correio é capturado pelas tropas tártaras e incorporado a um grande número de prisioneiros russos entre os quais se encontram Nádía e sua mãe. Ogareff, avisado da presença de Strogoff no acampamento, açoita Maffa até que seu indignado filho saia a defendê-la, revelando sua identidade. Ao ser acusado de espião, Feofar Khan, após consultar o Corão lê: "E não verá mais as coisas da Terra". Com esse versículo, o emir de Bujara havia ditado sua sentença: ele perderia a visão na tortura tártara.

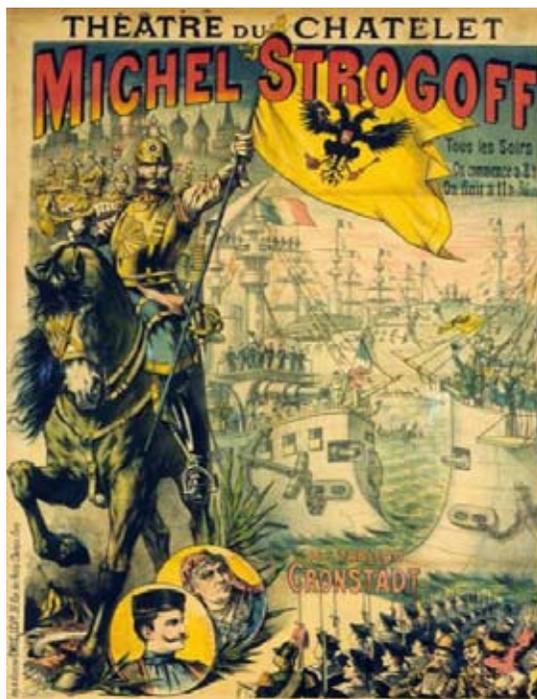
Strogoff "fica cego" ao receber um sabre em brasa diante dos olhos. A partir desse momento, é a jovem Nádía, que o correio havia tomado sob sua proteção, fazendo-a passar por sua irmã, quem o guiará dali em diante até concluir sua missão.

Eventualmente, ambos logram escapar e continuam seu caminho até Irkutsk com a ajuda de Nicolas, um amigo a quem posteriormente enterraram após ser assassinado pelos tártaros. Antes de sua chegada, Ogareff se adianta a eles, fazendo-se passar pelo correio do czar. Faz chamar ao grão-duque para dar-lhe uma carta falsa, na qual dizia que em lugar de proteger Irkutsk, ele deveria entregá-la aos mongóis. O governador se nega e forma um exército, apoiado por alguns desterrados, entre os quais está Wassili Fedor, pai de Nádía, com quem se enfrenta a turba invasora.

Depois de contornar muitos inconvenientes, Strogoff chega por fim a Irkutsk, que estava envolta em chamas, e penetra no palácio do grão-duque junto com Nádía, onde se encontrava Ivan Ogareff.

É nesse momento que se descobre que Miguel não estava cego. É Verne que faz surgir diante dos olhos dos leitores uma explicação para aqueles fenômenos: suas lágrimas haviam permitido o milagre.

Nádía é a primeira a encontrar



Cartaz publicitário de 1880 do teatro Châtelet, anunciando a apresentação da peça *Miguel Strogoff*.

Ogareff no palácio, mas antes que este a assassine para não delatá-lo, surge resoluto o correio do czar para bater-se em duelo com o traidor. Ambos encarnçam feroz combate, que acaba com a vida do antigo oficial degradado, terminando com sua ambição de poder.

Após explicar a situação perante o grão-duque, Strogoff é condecorado com a Cruz de São Jorge e casa-se com Nádía, com quem parte para San Petesburgo em Moscow para ali viver sob as bençãos de Marffa e Wassili.

Êxito de teatro

Em 1880, a situação econômica de Verne melhorou quando *Miguel Strogoff* foi adaptado ao palco pelo experimentado dramaturgo Adolphe d'Ennery, com quem já havia trabalhado em outras obras de teatro baseadas em seus textos. Ambos colaboraram por carta, apresentando fluida correspondência na qual surge a preocupação do romancista em fazer com que se reproduza fielmente no palco algumas das cenas de seu livro, que ele acreditava complicadas

de serem realizadas.

A peça, composta de cinco atos e escrita entre 1876 e 1880, foi encenada mais de 2550 vezes em Paris entre 1880 e 1939 e 53 vezes em Amiens entre 1882 e 1900. Nela, Verne colabora tanto na montagem como no texto literário, pois a d'Ennery ele escreve: "Sei perfeitamente que nunca lhe agradou um excesso de cenários, e bem me dou conta de que ainda que em uma obra possa ocorrer qualquer coisa, não sucede o mesmo no teatro; não obstante, creio que se tentássemos, poderíamos ir ainda mais além".

A qualidade da peça encenada foi de tal envergadura que o jornalista Gordon Jones em uma entrevista comenta ao próprio escritor francês que "o imenso palco do teatro Châtelet permite a representação da peça em uma escala magnífica. Em uma oportunidade havia mais de 300 atores em cena muitos deles montados em cavalos".

Assim, durante mais de 50 anos o teatro Châtelet conseguiu lotar sempre suas salas, apresentando a obra de forma paralela a *Volta ao Mundo em 80 dias* ●

Bibliografía

- Lottman, Herbert. *Jules Verne*. Editorial Anagrama, Barcelona, 1998.
- Salabert, Miguel. *Julio Verne, ese desconocido*. Alianza Editorial, Madri, 1974.
- Sordo, Enrique. *Julio Verne, su vida y sus obras*. Editorial de Gassó Hnos, 1962.
- Verne, Jules. *Miguel Strogoff*. Colección juvenil EDAF, Madri, 1971.

Verne em Copenhaga

Nils Bjørn, Henrik Wilfred Christensen, Bjørn Larsen

Lejf Rasmussen

Tradução castelhana: Ariel Pérez.

Quatro membros da Sociedade Dinamarquesa Jules Verne se unem para falar sobre as visitas de Verne a Copenhaga e comentar o tema da relação do autor com países da região, especialmente com a Dinamarca.

Sobre os autores



NBJ@kmd.dk

Nils é informático. Trabalha para a companhia KMD que produz soluções locais. Foi um dos fundadores da Sociedade Dinamarquesa Jules Verne em 2005. Seus romances favoritos em matéria verniana: *Vinte Mil Léguas Submarinas*; *Viagem ao Centro da Terra*; *Keraban, o Cabeçudo* e *Os 500 Milhões da Begum*.



henrikwilfred@yahoo.dk

Henrik é dentista. Trabalha no serviço público em local ao norte de Copenhaga. Foi um dos fundadores da Sociedade Dinamarquesa Jules Verne. Seus romances favoritos em matéria verniana: *Miguel Strogoff*; *Um Capitão de Quinze Anos*, *Viagem ao centro da Terra* e *Os 500 Milhões da Begum*.

Jules Verne não apenas escreveu sobre viagens. Ele também gostava de viajar muito, de uma forma especial, pelo mar. Quando a situação financeira familiar lhe permitiu sustentar-se com certa folga, adquiriu seu próprio iate, que trocou alguns anos mais tarde por um mais luxuoso, com uma tripulação de dez membros. Nesses percursos, o escritor visitou Copenhaga em duas ocasiões.

A primeira visita

Jules Verne é um jovem e desconhecido advogado parisiense, que viaja à região escandinava com um objetivo muito claro. Percorre, com dois amigos, os territórios da Suécia, Noruega e Dinamarca e deixa notas de sua viagem em seu diário¹.

Seus companheiros de viagem eram: o compositor Alfred Hignard e o advogado Émile Lorois. Seguiram a rota desde Paris até Lübeck, via Cologne, Hannover e Hamburgo. De Lübeck, viajaram de barco a Estocolmo. A saída de Paris foi em 2 de julho, e a necessidade de viajar deve ter sido significativa, sobretudo pelo fato de que Honorine, a esposa de Verne, se encontrava nos últimos períodos de gestação do primeiro filho do casal. Chegaram a Hamburgo em 3 de julho e ali ficaram por dois dias. Após Lübeck, a viagem continuou a bordo do vapor *Svea*, rumo a Estocolmo. No caminho, se detiveram em Kalmar.

A comitiva chegou a Estocolmo em 8 de julho, onde se acomodou no Hotel Rydberg. Dali, também por mar, tomaram o barco de Götakanalen a Göteborg e que vai até Kristiania (atualmente Oslo). Viajaram também a Telemarken, onde se pode encontrar uma nota do próprio Verne no livro de visitas da cidade de Dal.

Em primeiro de agosto, Verne e Hignard abandonam a Noruega e viajam até

¹ Nesse ponto, é importante agradecer ao Dr. Friedmann Prose de Kiel, por nos fornecer a informação a partir de uma fotocópia do seu diário, que está em seu poder.

Copenhaga via Hälsingborg e Elsinor, onde visitam o castelo de Kronborg. Passam a noite no Hotel Phønix.

Verne esperava uma carta de Honorine e, quando a recebeu, decidiu regressar por sua conta e com grande presteza, porém a segunda e a terça-feira passou na cidade e é nesses dias que recolhe as impressões que mais tarde se revelam num capítulo de *Viagem ao Centro da Terra*: o hotel Phønix (onde o professor Lidenbrock e Axel se alojam), o castelo de Rosenborg, o museu Thorvaldsen, o Museu Nacional, Kgs. Nytorv, A Cidadela, os moinhos ao redor das muralhas de Copenhaga, a penitenciária na praça Christianshavn, e de forma particular o acesso à torre da Igreja de Nosso Salvador em Christianshavn. Na tarde de terça, Verne

viajou por veículo de caminho de ferro a Korsør e dali a Kiel em um barco-correio, onde chegou na manhã de 7 de agosto. Fez sua entrada em Paris no dia seguinte, 8 de agosto, porém já muito tarde: Michel havia nascido quatro dias antes.

O terceiro companheiro de viagem, Émile Lorois, que não acompanhou Verne e Hignard até a cidade dinamarquesa, permaneceu vários dias mais na Noruega. Seguiu, então, a mesma rota de Copenhaga como os outros. O comissário local registrou sua chegada em 9 de agosto com alojamento no Hotel Real e saída até Hamburgo em 19 de agosto. É estranho que a própria autoridade policial não haja



Fotografia do diário de Jules Verne da sua viagem a Escandinávia em 1861.

Sobre os autores



bjoernlarsen@webspeed.dk

Bjørn é professor de Matemática e Física na Universidade de Copenhaga. Em 2005, foi um dos fundadores da Sociedade Dinamarquesa Jules Verne. Seu romance favorito do autor francês: *Da Terra à Lua*.



Lejf.Rasmussen@psy.ku.dk
http://www.lejfras.dk/

Lejf é engenheiro eletrônico e trabalha como assessor técnico no Departamento de Psicologia da Universidade de Copenhaga. É fascinado pelas novelas de Verne desde pequeno. Foi um dos fundadores da Sociedade Dinamarquesa Jules Verne há três anos. É um dos tradutores da página de "Perguntas mais frequentes" no site de Zvi. Seus romances favoritos são: *A Ilha Misteriosa* e *Dois Anos de Férias*

registrado a visita de Verne e Hignard. Nesses dez dias, Lorois deve ter tido tempo de ver a cidade em toda a sua extensão.

Um grande número de detalhes nos romances de Verne pode estar relacionado com as impressões obtidas nessa primeira viagem à Escandinávia. O capitão Hatteras, por exemplo, regressa do Pólo Norte pela rota de Korsør – Kiel e o argumento completo de *Um Bilhete de Loteria* tem lugar em Telemarken e Kristiania. Além de Copenhaga, em *Viagem ao Centro da Terra* o escritor se refere também a informações sobre Hamburgo.

Na verdade Verne iniciou um livro sobre a viagem à região, *Misérias Felizes de Três Viajantes na Escandinávia*, que até onde sabemos, nunca foi concluído ou publicado. O primeiro capítulo está disponível, em francês, no site de Zvi.

Pegadas da estada

Recentemente, Henrik Wilfred Christensen fez estudos de arquivo e encontrou algumas pistas deixadas pelo autor nessa primeira visita. No diário dinamarquês contemporâneo *Berlingske politiske og advertisements-Tidende* de segunda-feira 5 de agosto de 1861 existia uma coluna intitulada "Viajantes" que mencionava as pessoas que se alojavam nos hotéis da cidade. No final da parte em que trata do Hotel Phønix se lê: "Advogado Werne e Hignard de Paris".

Visto que esta coluna não se publicava em todos os jornais e esta seção em particular não era editada aos domingos, não há certeza de quando Verne chegou e nem de quanto tempo pretendia permanecer em Copenhaga.

Apesar disso, vemos esses documentos como fontes confiáveis acerca da visita do escritor e sua estada na cidade com Hignard. Por fim, é interessante que se intitule a si mesmo como "advogado". Apesar do debate havido no periódico dinamarquês *Politiken* em 1959, onde se questionou sua visita a Copenhaga, esta prova, sem dúvida, deve pôr fim à discussão.

O hotel onde Verne se hospedou era um dos melhores hotéis na cidade. Está situado na rua Bredgade, número 37 na esquina de Dronningens Tvaergade. Abriu suas portas em 1847 e foi controlado pelo Partido Comunista dinamarquês depois da Segunda Guerra Mundial. Posteriormente, ressurgiu (como a ave fênix de suas cinzas!) como hotel e atualmente ostenta a categoria de quatro estrelas e possui um grande bar em seu porão.



Foto da época do Hotel Phønix onde Verne se hospedou com Hignard em 1861.

A imagem da edificação, tomada por H. P. Hendriksen em 1860 é bastante próxima da aparência que o hotel teria na data em que Verne ali esteve. É excitante imaginar que foi atrás de uma dessas janelas que se vêem na foto, que o autor das *Viagens Extraordinárias* e Hignard estiveram durante três dias.

Verne deve ter tomado o veículo de caminho de ferro de Copenhaga à tarde-noite de 6 de agosto e deve ter chegado a Korsør perto das 10:30 da noite (caso o

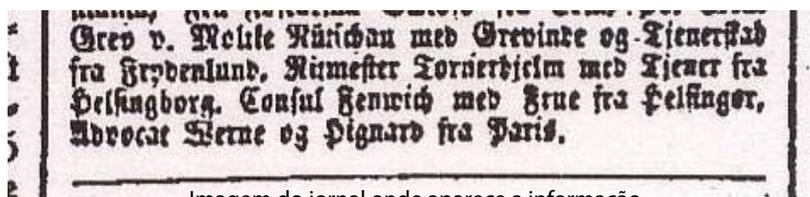


Imagem do jornal onde aparece a informação da estada dos senhores Verne (escrito Werne no papel) e Hignard na sua visita a Copenhaga em 1861.

veículo tenha chegado no horário). A partir dali, embarcou no vapor *Hermod*, que o levou a Kiel, onde chegou na manhã do dia 7. A viagem de Kiel a Paris via Hamburgo durou umas 24 horas, de maneira que deve ter chegado à capital francesa no dia seguinte.

É significativo assinalar que em Korsør, em abril de 2006, foi celebrado o 150º aniversário de inauguração da estrada de ferro, a mesma que Verne usou apenas seis anos depois de sua abertura.

Vinte anos depois

Como já foi dito Verne era um entusiasmado navegante. Durante sua vida, possuiu três barcos, todos com o nome de Saint Michel. Os dois primeiros eram pequenas embarcações de pesca; o terceiro era maior e se movia a vapor. Tinha sido construído em 1876 e comprou-o um ano depois por cerca de 55,000 francos.

Após várias viagens a bordo do seu iate, planeou fazer uma viagem à região do mar Báltico, com paragens em Copenhaga, St. Petersburg, Estocolmo e Kristiania.

Este segundo périplo está mais documentado que o primeiro. Em 1881, Verne já era conhecido internacionalmente, a imprensa da época escrevia sobre as visitas dos escritores famosos, e o seu irmão, inspirado na viagem, escreveu algumas notas que intitulou *De Rotterdam a Copenhague*.

A navegação estival começou nos finais de Maio de 1881. Além do capitão, Ollive, a tripulação era composta por um engenheiro marinho, dois maquinistas, um chefe de barco, três marinheiros novos e um cozinheiro. Os passageiros, para além dele próprio eram, Paul Verne e seu filho, Gaston e um advogado de Amiens, Robert Godefroy. Chegaram a Roterdão a 5 de Junho e aqui os barcos tiveram que esperar que o clima melhorasse. A 11 prosseguiram a sua visita por Rotterdam e Wilhelmshafen. Devido a um rumor bem fundado a respei-

to ao mau tempo ao largo de toda a costa de Jutland, provavelmente se decidiram ir através de Ejder e do seu canal até ao mar Báltico.

Naquela época, esta rota era antiga, estreita e composta de muitos bloqueios. Em 17 de Junho, o St. Michel III partiu de Rendsburg e chegou a Kiel na mesma tarde. Paul Verne descreve a viagem através de Schleswig-Holstein de uma forma muito pitoresca no seu diário de viagem.

Depois de uma estada de vinte e quatro horas em Kiel navegaram, na tarde de 18 de Junho, até Copenhaga. É uma bela e clara tarde na época das leves noites de Verão e a às sete da manhã do dia seguinte chegam à entrada do estreito de Øresund. Às 10 da manhã começaram a ver ao longe as torres de Copenhaga através do brumoso clima. Atracaram em frente de Kvæsthusbroen, lugar que na época era pródigo em rotas marítimas de embarcações que partiam para diferentes lugares. O St. Michel III permaneceu oito dias em Copenhaga.

O jornalista N. J. Berentsens escreveu sobre a sua visita ao iate:

“Alcançamos o barco na altura da ponte de Nyhavns. A bordo encontramos Jules Verne, que albergava os seus cinquenta e três anos de idade com esplendor, envolto com uma jaqueta que mostrava, na sua botoeira, a insígnia vermelha outorgada pela Legião de Honra. Um chapéu e um belo e pequen cachimbo completavam a sua pessoa. Ao nos aproximarmos, Verne saudou a torre da Igreja de Nosso Salvador como uma velha conhecida. Tinha ouvido falar muito dos nossos museus. Queria visitar o Museu Nacional de Antiguidades do Norte e familiarizar-se com Thorvaldsen.”

Berentsen, entre outras muitas coisas, escreveu no seu artigo “que Verne não sabia que os seus livros tinham sido traduzidos em dinamarquês e que, no dia seguinte visitaria o editor e compraria algumas cópias e assim o fez. Tal como eu o fiz, em nome do editor Andreas Schou pedi

desculpas por não tê-lo honrado como merecia, Verne apenas sorriu. Não significava nada para ele”.

Também a renomeada revista semanal *Illustreret Tidende* visitou o gaulês a bordo do seu barco.

Dos lugares que Paul menciona nas suas notas, apenas merecem especial atenção os museus, o de Colecção Etnográfica, o Museu Nacional de Antiguidades do Norte e a Colecção Rosenborg. Durante as visitas aos últimos dos museus mencionados, J. J. A. Worsâe (1821-1885), serviu de guia.

Worsâe era director do lugar e tinha supervisionado pessoalmente a organização destas colecções de arte. Ele mesmo se ofereceu a guiá-los o que demonstra que Verne era um cavalheiro de alto renome e não um turista comum.

Visitaram também o museu de Thorvaldsen. Uma tarde, talvez um dia em pleno Verão, visitaram o iluminado Tívoli o que deixou uma impressão duradoura em Paul. No diário mencionam-se outros edifícios de Copenhaga, entre eles o castelo de Christiansborg (que se incendiou uns anos depois em 1884), o castelo de Amalienborg, Kgs. Nytorv, o Teatro Real Dinamarquês, a Igreja de Nossa Senhora e, por último, a Igreja de Nosso Salvador em Christianshavn. Aqui, as notas de Paul Verne da subida à torre do seu filho, descrevem-nos o acontecimento. Tudo parece indicar que Verne não participou na subida.

Finalmente a viagem planeada a Elsinor se efectuou. Antes de regressar a casa presenciaram a chegada de uma festejo naval inglês com o duque de Edinburgh a bordo numa visita oficial.

Nos últimos dias da visita a Copenhaga visitaram o embaixador francês, que logo lhes devolveu a visita a bordo do St. Michel III. Durante esse tempo, presenciaram o desembarque do rei Christian IX depois de visitar o duque no festejo. Também tiveram tempo para visitar o jardim de Frederiksberg.

Após a igreja de Nossa Senhora, cujo coro se acha ornado com treze estátuas de Thorwaldsen que representam Cristo e os apóstolos, devo mencionar mais especialmente a igreja de Frelsers, situada na ilha de Amayer, que fica do outro lado do porto. Este monumento não tem valor algum arquitectural; mas domina-o uma altíssima torre, ao cimo da qual só se pode chegar por uma escada exterior, enroscada em caracol em volta do edifício. É preciso ter coragem para fazer esta ascensão. Meu irmão, na sua Viagem ao Centro da Terra, faz-nos assistir a uma «lição de abismo» que o professor Lidenbrock dá a seu sobrinho Axel acerca desta vertiginosa subida.

No dia em que o meu filho e eu subimos a este campanário, o tempo estava claríssimo. A vista estendia-se até muito longe, abraçando, de norte a sul, o Sund em todo o seu comprimento; mas havia uma brisa fortíssima, que tornava difícil toda e qualquer observação.

Havíamos-nos visto obrigados a agarrarmo-nos, como se costuma dizer, com unhas e dentes, à muralha de resguardo, para nos segurarmos e assim resistir ao violento impulso do vento. Era, portanto, impossível servimo-nos dos nossos óculos de ver ao longe. Foi por este motivo que não podemos reconhecer o pavilhão de um vapor de grande força, de duas chaminés amareladas, que chegava naquela ocasião à barra de Copenhaga e salvava com vinte tiros de peça o pavilhão dinamarquês que se desenrolava por cima da cidadela.

Voltando-se a gente para o norte, vê na extremidade do Sund a pequena cidade de Elseneur. Entre Elseneur e Copenhaga estende-se uma enorme floresta de gigantescas árvores, coalhadas de numerosas vilas. Nesta floresta, que é, a bem dizer, um arrabalde de Copenhaga e que tem comunicação com esta cidade pelo formoso passeio de Langelinte, traçado à beira-mar, acham-se situadas as residências de verão das famílias ricas da Dinamarca.

É realmente agradável uma excursão a este ponto (que se faz por meio de *steamers* que ligam todos os portos da costa), e que nós tencionávamos fazer no dia seguinte, porquanto íamos a Elseneur visitar o castelo de Kronborg.

Este castelo defende a entrada setentrional do Sund, e é nesta velha fortaleza que Shakespeare fez passar as grandes cenas da sua sombria tragédia Hamlet.

Mas, apesar de ser interessante este panorama, nem por isso devíamos deixar de pensar na partida; não podíamos demorar-nos mais: as ventanias tornavam-se cada vez mais violentas, e às vezes tão forte era o seu impulso que a torre parecia que oscilava.

Meu filho, menos aguerrido do que eu, estava já incomodado com aquele movimento de trepidação, que de facto é extremamente áspero quando uma pessoa se acha a cem metros de altura; empalidecia a olhos vistos, como se tivesse enjoado, turvava-se-lhe a vista...era forçoso partir.

Começamos pois a descer. Eu, que estou realmente acostumadíssimo a subir e a descer montanhas, confesso que aquele declive, que descia em forma de saca-rolhas para o vazio, me produzia desagradável impressão. Apesar de não estar tão verde como o meu filho, não sei o que me aconteceria se aquela situação se prolongasse muito tempo.

Havíamos descido já uma dúzia de metros, quando surgiu repentinamente um obstáculo inesperado.

Uma senhora de cinquenta de alguns anos, com um enorme chapéu cor-de-rosa e um vestido verde, que trazia à lembrança, pelo talhe, a graciosa forma de uma capa de chapéu-de-chuva, impedia a passagem, que já não era muito larga para uma pessoa.

Esta senhora, que devia ser alemã, era seguida pelos seus onze filhos! Sim! Haveis lido bem, pelo seus onze filhos, e quem vos diz que ela não teve mais?

A caravana que ela dirigia terminava, à distância de cinco ou seis metros, por um gordíssimo cavalheiro, que era certamente o marido, e que vinha a suar, a escorrer em suor.

Que havíamos de fazer? O caso era espinhoso. Tornar a subir era ir de encontro à tempestade. O mais prudente era evidentemente avançar; mas, neste caso, era mister fazer recuar toda aquela caterva, porque não era impossível cruzarmo-nos no caminho.

Era realmente um caso de embaraçar. A mãe lançava-me olhares furiosos e parecia preparar-se para a luta. O marido, que vinha na retaguarda e portanto não estava bem ao facto da disponibilidade, soltava surdos grunhidos e parecia achar-se de muito mal humor.

O melhor era pois parlamentar com os recém-chegados, e ver se conseguíamos fazê-los retrogradar.

-Nós não podemos recuar, minha senhora, não podemos retrogradar por forma alguma!- disse-lhe eu, em tom conveniente,

-Mas, senhor- respondeu ela em francês germanizado que consegui compreender-, parece-me que temos direito a...

-Com certeza... Mas bem sabe que há ocasiões em que o direito tem de ceder o seu lugar à força, e nós achamos «forçados» a descer!

E ao mesmo tempo apontava-lhe para o rosto do meu filho, que se decompunha a olhos vistos.

Aquilo era tão significativo que, sem hesitar, a caravana recuou em debandada. Dentro de vinte segundos a ladeira achava-se despejada, o inimigo desaparecera e nós descíamos com todo o sossego os vinte metros que nos separavam da escada interior da torre de Frelsers-Kirke.

De Rotterdam à Copenhague. Paul Verne. Capítulo XIII



É importante salientar que não são referidas neste artigo as actividades relativas à continuação da viagem noutras partes da Escandinávia. A 26 de Junho, o iate com os seus passageiros, partiu de Copenhaga e regressou a casa seguindo a mesma rota pela que chegaram através do canal de Ejder até ao Mar do Norte.

Verne nunca regressou a Copenhaga. Em 1886 vendeu o St. Michel III por 23,000 francos. Nesse mesmo ano seu sobrinho Gaston (o mesmo da subida à igreja) o feriu numa perna ao disparar com um arma de fogo. Gaston não estava em si e Verne nunca se recuperou deste facto

Bibliografia

- Verne, Paul. *De Rotterdam a Copenhague*. Suplemento da obra *La Jangada*. 1881.
- Trende, Frank. *Jules Verne in Schleswig-Holstein*. Husum, 2005.
- Cartas de Jules Verne a Jules Hetzel em Junho de 1881.
- *Illustreret Tidende*. Edição de 26 de Junho de 1881.
- *Dags-Avisen*. 21 de Junho de 1881. Informação do jornalista N.J. Berendsens da sua visita a Jules Verne a bordo do St. Michel III. Republicada num artigo em *Politiken* em 14 de Janeiro de 1959.
- Brattstroem, Carl. *Jules Vernes baltische Reise*. Cobra, Alemanha, 1987.
- Dehs, Volker. *Jules Verne*. 2005.
- Harold, Peter. *Jules Verne en Suede*. Revue Jules Verne 19-20. 2005.?
- Christensen, Henrik Wilfred. Estudos conduzidos na Biblioteca Real Dinamarquesa e nos Arquivos Regionais de Copenhaga.
- Correspondência pessoal com el Dr. Friedmann Prose de Kiel.
- Correspondência pessoal com William Butcher.

Misérias felizes de três viajantes na Escandinávia (fragmentos)

Quando esta ideia de viajar se apoderou de mim, não me deixou respirar mais.

Depois de ter reflectido durante muito tempo, elegi os estados escandinavos como objectivo das minhas explorações; estava atraído pelas regiões boreais, como a agulha magnetizada pelo Norte, sem saber o porquê.

Por outro lado, os outros países, temo-los aqui ao lado. Quem não vai com frequência a Itália, Alemanha, Suíça, ou Argélia! Qual dos meus leitores não passou uma vez pelos Alpes ou pelos Pirinéus? Nada mais fácil, e muitos (os que descobriram que a viagem era demasiado fácil) se abstiveram a fazê-lo! Sou de sua opinião. Além disso, gosto dos países frios por temperamento: Escandinávia se converteu no meu desejo. É composta pela Suécia, Noruega, e Dinamarca, três poéticas regiões, vagas como as poesias de Ossian; mas havia um mar para atravessar, e não há uma boa viagem sem um objectivo de navegação.

Algumas paisagens publicadas na *Le Tour du Monde* sobre Noruega e Dinamarca me seduziram bastante. Pensava encontrar por lá os selvagens da Oceânia, os esquimós de Groenlândia, a Suíça em maioria, a América setentrional em minoria, o que meu espírito sonhava, o mais insólito e o menos comum, o que poucas pessoas tinham visto, aqueles que têm a desastrosa prática de escrever as suas impressões da viagem, por fim, uma região ao mesmo tempo muito nova e muito antiga, que correspondia às mais loucas expectativas da minha imaginação. Adicionaria isto, mas que ninguém o tome de má fé

...

Mas não havia que viajar sozinho; para uma viagem é necessário um confidente, tal e qual numa tragédia. Sem um complacente Acaste, a quem compartilhar as suas impres-

sões? Como atear sozinho a pipa ao fogo do conselho pelas decisões a tomar? Sobre quem descarregar o seu mal humor? Tinha seguido por muito tempo o curso da Amizade Comparada do professor A. Karr; sabia o que podia fazer de um amigo se manejado com sabedoria. Procurava, pois, a esta segunda metade de mim mesmo, bem decidido a submetê-lo a todos os caprichos da primeira.

Conhecia o melhor rapaz do mundo, dócil, espiritual, um pouco indolente, um pouco lento, com as pernas demasiado curtas para ser um grande andarilho, grande artista, mas um tanto susceptível a ver numa viagem essas coisas encantadoras que não existem

...

Foi um bom dia. Aceitou sem fazer-se rogar. Se chamava Aristide H... Era um músico talentoso; sonhava ver a Elsinor sob o pretexto de possuir uma certa partitura de Hamlet.

...

Existia em Paris uma agência central do Norte. Ali se adquiriam passagens para o trajecto directo de Paris a Estocolmo por Lübeck. Era necessário chegar a esta última cidade para se poder embarcar sexta-feira, 5 de Julho pela noite. Não havia, portanto, tempo a perder se queríamos ficar vinte e quatro horas em Hamburgo.

O preço do bilhete era de duzentos e dez francos de Paris a Estocolmo em confortáveis compartimentos e por um veículo de caminho de ferro misto. Fomos os três à agência e, uma vez ali, meus olhos não conseguiram desviar-se de um quadro que representava a Svéa que realizava a travessia do Báltico.

Pagamos o preço, e deram-nos um pequeno caderno vermelho, cujas folhas deveriam cair gradualmente durante a viagem, e um cartão destinado a permitir a nossa admissão a bordo do Svéa

A última profecia de Caravaca

Cristian Tello

José António Caravaca pertence ao último grupo de investigadores, escritores e jornalistas especializados nos temas paranormais surgidos nos princípios dos anos noventa em Espanha. Publicou mais de cem artigos de investigação relacionados com os OVNI, Criptozoologia, Arqueologia e outras ciências vinculadas com o universo heterodoxo.

Actualmente colabora na revista **Enigmas** e noutros meios especializados nestes assuntos. O seu portal da Internet é: <http://caravaca.blogspot.com>. Através dele, é difundida as suas últimas pesquisas e viagens atrás dos diferentes mistérios que acontecem em todo o mundo.

Nascido em 1972 e radicado em Cádiz, este jovem talento conta com o apoio do renomeado escritor e investigador J. J. Benítez, especialista no tema dos “não identificados”, que em prólogo da obra diz que “se encontra perplexo pela constante busca, análise e audácia desenvolvida por Caravaca”.

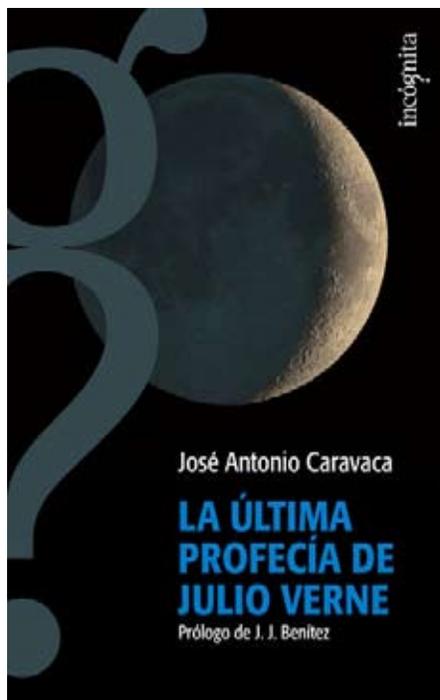
Recentemente publicou A última profecia de Júlio Verne editada pela editorial Espejo de tinta na colecção Incógnita. O livro analisa pela primeira vez na Europa um dos acontecimentos mais enigmáticos ocorridos nos últimos anos do século XIX, e que foram, de acordo com Caravaca, literalmente “profetizados” por Verne na sua obra *Robur o Conquistador*.

Dada a boa recepção desta publicação, Mundo Verne foi à procura da opinião de Benítez para que nos explique com maiores detalhes as suas apreciações sobre o criador das Viagens Extraordinárias e da aproximação de um dos seus relatos com os estranhos avistamentos considerados com os mais próximos dos modernos OVNI.

José António, obrigado pela gentileza de partilhares o teu tempo com a nossa revista dedicada a Verne. Já les-

te muitos dos seus livros?

Sou um apaixonado dos livros, e como bom aficionado do género do mistério e da Ficção-Científica sempre senti uma grande atracção pelas obras de Jules Verne, e mais concretamente pelas obras onde se descreviam fantásticas máquinas ou nas que o mistério se mantinha desde a primeira até à última página como *Da Terra à Lua*, *Viagem ao centro da Terra*, *O raio verde*, *À volta da Lua*, *O*



Prefácio do livro de Caravaca que aborda de forma reveladora a relação entre a muito comentada *Air-Ship* e a obra *Robur o Conquistador*.

castelo dos Cárpatos, *Vinte mil léguas submarinas* e *Senhor do Mundo*.

Qual ou quais são as obras do autor que mais te impressionaram?

Pela lógica, *Robur o Conquistador* que foi a base do meu livro e das minhas investigações. Foi revelador descobrir quanta informação oculta continham aquelas páginas sobre um dos mais inquietantes aconteci-

Mundo Verne encontrou-se com o autor de A última profecia de Jules Verne e se interessou pelas investigações publicadas no seu livro a propósito da sua relação com Verne. Também falamos de outros interessantes aspectos relativos aos OVNI

mentos que assombram toda uma sociedade há mais de cem anos. Mas outra das suas obras que me surpreendeu foi *Paris no século XX* e não pelas suas numerosas “profecias científicas” mas sim pelo seu estilo literário, sombrio e desolador, com um final muito tenso e que particularmente me surpreendeu.

Podes resumir aos nossos leitores, o processo *Air-Ship* em que se baseou o apaixonante trabalho de investigação publicado no teu livro sobre Verne?

Durante o biénio de 1896 e 1897, no final do século XIX, quando a conquista do ar era ainda uma utopia, vários estados norte-americanos foram visitados por umas enigmáticas aeronaves, parecidas aos dirigíveis, que foram avistadas por centenas de pessoas. Puderam-se inclusivamente conversar com os seus tripulantes nas aterragens que estas aeronaves efectuaram em distintos lugares. O mais desconcertante de toda a intriga é que, tanto o aspecto exterior dos ditos artefactos, assim como a maioria dos seus ocupantes, “aparentavam” serem invenções e inventores daquela época, apesar de isto ser praticamente impossível, dadas as prestações técnicas que possuíam aquelas máquinas aéreas que na aparência, e apenas na aparência, pareciam ter sido fabricadas em alguma garagem oculta por um excêntrico inventor. As evoluções destas máquinas eram extraordinárias tanto em maneabilidade como velocidade.

A fim de confirmar os citados feitos através de uma prova irrefutável, muitos jornalistas foram recolher os numerosos eventos produzidos naquelas datas. Desde o tempo passado, ao dia de hoje, o *Air-Ship* continua a ser um enigma histórico no seu todo já que não há uma explicação convincente, apesar das numerosas investigações que têm pretendido

esclarecer o mistério. Os balões estavam ainda em fase embrionária, e as Air-Ship descritas nos jornais pareciam estar na vanguarda aeronáutica nos meados do século XX. Por isso, alguns peritos aeronáuticos contemporâneos mostravam o seu desacordo perante os avistamentos, estando apenas seguros de uma coisa: a mão do homem não está por trás deles.

Em que momento da tua carreira te interessas pelo tema da Air-Ship e quando descobres o seu paralelismo com a obra Robur o Conquistador?

Curiosamente foi numa das minhas primeiras leituras, em plena juventude, de uma obra dedicada ao tema OVNI quando conheci a existência da Air-Ship. Desde aquele instante fiquei fascinado por aquelas histórias que pareciam arrancadas de uma obra de suspense; por outro lado, o espírito vitoriano que abrangia toda a obra era certamente cativante. Tempo depois soube, que alguns investigadores relacionavam a Air-ship com uma obra de Verne pouco conhecida intitulada *Robur o Conquistador*.

Na citada obra, encontramos com o **Albatros**, uma máquina voadora inventada pelo gaulês para a sua personagem, e cuja aparência externa era similar à Air-Ship. Mas ao me aprofundar no tema me dei conta, de uma forma quase surpreendente, que havia muitas mais do que se havia apontado no princípio. Tratando-se do génio de Nantes não podia ser de outra forma.

Ao ler e analisar o conteúdo do teu livro, é evidente que te exigiu muita entrega e dedicação. Quanto tempo necessitaste para que esta obra visse a luz do dia e porque incluíste Verne no título, tendo em conta que abordas no geral as origens dos hoje conhecidos “discos voadores”?

O livro é fruto de mais de dez anos de investigação, produto que me fez conhecer os mistérios dos avistamentos sucessivos em EEUU, mas o mais importante, e que serve para desenvolver e documentar a minha particular percepção sobre a natureza e ori-



José Antonio Caravaca numa das apresentações do seu livro.

gem dos chamados “discos voadores”, era demonstrar que as narrações do século XIX pareciam estar copiados da obra de Verne até os assuntos duvidosos e inexplicáveis.

Ao longo do teu trabalho citas o autor francês como “o profeta de Nantes”, um escritor que claramente se antecipou aos acontecimentos científicos do século XIX e que deu forma, através da ficção, às muitas das suas profecias. Na tua opinião, Verne foi um visionário? Se sim, qual acreditas que foi o seu segredo para prever com tanta exactidão a Air-ship com mais de uma década de antecipação?

Creio que teria que criar dois grupos das invenções de Verne. Dum lado, as profecias que foram consequência da sua bagagem cultural e científica, sem dúvida algo não seria pouco como indicam alguns dos seus biógrafos quando dizem que o erudito Jules Verne tentava absorver a sabedoria equiparável aos grandes nomes do Renascimento consumindo grandes doses de literatura e estudando todos ramos da Ciência, como por exemplo a Astronomia, Geografia, Química, Engenharia, etc. Além disso, é de assinalar todo o apoio que recebeu por parte de vários peritos nas diversas áreas para

a realização de algumas obras que trariam uma visão de futuro certa e surpreendente, mas sempre produto exclusivamente do seu estudo e reflexão. Por outro lado, existe uma boa quantidade de invenções que parecem ter uma origem mais incerta e misteriosa, que são precisamente as que tem contribuído para criar a auréola enigmática que rodeia a obra e mistérios do francês e que foi convertido, por méritos próprios, num autor de culto para os amantes dos mistérios.

Vejamos um exemplo. Referindo a tua pergunta sobre a Air-Ship, como bem sabes, a obra de *Robur o Conquistador* viu a luz do dia em 1886, a terceira edição é de 11 de Novembro e o primeiro caso registado da tal máquina ocorreu a 17 de Novembro de 1896 em Sacramento quase dez anos depois. Mas não ficou por aí, as numerosas semelhanças com o caso ocorrido na cidade californiana são surpreendentes, visto que Verne menciona no seu manuscrito, com uma precisão inacreditável, hora e lugar correctos onde se veria a máquina, assim como a grande quantidade de pessoas que presenciariam o acontecimento.

Como sabia tudo isto? Alguns es-

tudiosos dizem que pertencia a uma sociedade secreta, com faculdades extra-sensoriais, de técnicas de controlo mental, de supostos contactos com outra realidade, para tentar explicar as previsões de Verne. Ainda que o próprio escritor assegurou em vida que nada de relevante haveria por trás das suas profecias, deveremos acreditar? Pessoalmente acredito numa qualidade inata do escritor que o ajudava em algumas ocasiões com um estado mental apropriado para anteceder uma certa informação.

Sabemos que Verne era um trabalhador sem descanso, que passava muito tempo fechado forçando os limites da sua imaginação. De forma similar, os heróis das suas obras também viviam fechados em aeronaves, em câmaras submarinas ou balões; ou seja, o escritor e as suas personagens não eram homens comuns, pois tinham uma visão interior que outras pessoas não tinham. Neste sentido, é a figura de Robur delineada no teu livro uma versão fantástica do próprio Verne?

É curioso notar que de Robur se dizia que era um homem sem pátria, ao estilo do mítico Capitão Nemo que parecia ser dono do oceano depois de ter criado o seu próprio mundo debaixo da superfície do mar renunciando às suas origens "terráqueas". Acredito que Verne queria transmitir que no interior de um deles, se podia encontrar a chave do conhecimento. Muitas das suas obras são um caminho iniciático para a busca do seu eu mais profundo, um autêntico paradigma que quem sabe o francês decifrou e aí, é possível, que se encontre a resposta a muitas das incógnitas que suscita a sua figura.

Ao rever as viagens de Verne a bordo dos seus barcos, mencionas que o escritor visitou a Grécia. Todavia, oficialmente não se conhece visita alguma de Verne ao país helénico. Esta afirmação, e o livro em geral, escondem certos enigmas ou chaves ocultas ao mesmo estilo do escritor francês?

Como não podia ser de outra for-

ma, há uma ou outra palavra-chave que coloquei no livro para render homenagem a Verne. Relativo ao assunto de Grécia, encanta-me que me tenhas feito esta pergunta, desde que é aproximadamente um dos enigmas. Durante a preparação do livro, conheci a opinião de Michel Lamy, autor de *Jules Verne: initié et initiateur*, assim como também o de outros especialistas que falam abertamente da participação do francês em alguma sociedade secreta.

Fruto destas informações, abri uma via de investigação sobre algumas supostas viagens "não oficiais" que poderiam ligar-se à sua incorporação numa sociedade secreta denominada *A Neblina ou Angélica*. Dentro da dita irmandade, de origem helénica, o animal mitológico Grifo ocupava um lugar destacado, e que durante um dos seus cruzeiros haveria a possibilidade de ir a costa para ser submetido a um ritual iniciático, ou pelo menos realizar alguma "visita" relacionada. Já sabes que se especula que o nome do protagonista de *A volta ao mundo em 80 dias* pode ser uma palavra-chave encriptada por Verne para demonstrar o seu interesse pela citada sociedade. Assim vemos que o viajante incansável Phileas Fogg se "traduz" como *Poliphilo Niebla* (*fogg*=neblina em inglês), em referência ao grupo secreto que se baseava por sua vez no estranhíssimo livro *O sonho de Poliphilo*.

C u r i o -
samente, a sua obra *O Arquipélago em chamas*, com a Grécia como pano de fundo, contém a meu parecer algumas palavras-chaves mais como por exemplo, o ano em que foi

publicado ser o mesmo em que fez a viagem pelo mediterrâneo sem incluir, misteriosamente, a dita escala cuja o escritor adorava.

Num primeiro momento, parte desta informação estava originalmente no meu livro, mas ao não poder comprovar os meus dados, decidi não incluí-la no final, apesar de ser citada uma breve referência...quem sabe?

As naves descritas na Air-Ship pela imprensa da época não correspondiam com a imagem clássica de OVNI que todos conhecemos, mas sim com a espécie de máquina voadora com hélices. Em geral, considerava-se que a nave era obra de algum génio que queria ocultar a sua invenção até o ter perfeito, apesar de também se especular que era de origem extraterrestre. A este respeito, é fácil encontrar explicações racionais sobre as misteriosas fortalezas que deram vida a este mito? Qual a tua percepção?

No meu livro recorro a todas as prováveis fontes causadoras do fenómeno Air-Ship, incluídas as sociológicas e psicológicas. Segui a pista de numerosos inventores, inclusive alguns que não nem sequer estavam nas enciclopédias aeronáuticas oficiais, além das experiências militares secretas. Mas ao verificar todas os dados, e ter uma selecção, davam um bom número de histórias em que o elevado factor de estranheza faria apontar para uma hipótese menos



José Antonio Caravaca numa entrevista de rádio num programa do Canal Sur.

convencional. Pessoalmente a tese extraterrestre não está entre as minhas favoritas, mas acredito firmemente na existência de um fenómeno desconhecido que se manifestou nos finais do século XIX anterior aos olhares atónitos dos americanos. Para os investigadores que defendem que a Air-Ship pode reduzir-se a uma mal interpretação visual de voos em distintas regiões dos Estados Unidos, teria que se dizer que, estes hipotéticos génios anónimos, não seriam apenas pioneiros destacadíssimos na engenharia aeronáutica, como ainda teria que se dizer que as manobras descritas eram impossíveis de realizar por um balão vulgar ainda que tivessem sido criados, entre outros prodígios da técnica, baterias eléctricas e potentes focos capazes de iluminar a terra com se estivesse de dia, estando a nave a dezenas de quilómetros de altura. Além disso, existe a desvantagem de que jamais fariam públicas as suas invenções.

No início da década de 1890 já era muito popular, nos Estados Unidos, a série de obras de Frank Reade Jr.; histórias que exaltavam o génio de um inventor que, armado com as suas surpreendentes máquinas aéreas, viajava através do território americano para fazer frente contra qualquer oposição do governo americano; Robur o Conquistador também havia sido traduzida para inglês e publicada. Acreditas que o consciente colectivo pode ter sido alterado por estas publicações literárias e aumentado os estranhos avistamentos que formaram parte da Air-Ship?

Indubitavelmente que o inconsciente colectivo e a influência de certa literatura contribuíram para criar o caldo de cultivo perfeito que deu origem à Air-Ship. Porém, tudo foi utilizado por sua vez, por um componente externo não identificado de origem extrahumana que foi a causa de muitos dos denominados fenómenos paranormais que nos rodeiam e nos inquietam. No livro, onde aprofundo a minha particular e heterodoxa opinião dos OVNIS, evidencio-me

como parte destas experiências que nutrem na nossa própria psique para adequar a sua manifestação perante os nossos olhos, como se tratasse de uma colossal apresentação teatral.

Além das mencionadas influências literárias na população, é possível que outros elementos como os erros de percepção das pessoas, assim como as brincadeiras e invenções de alguns testemunhos e os sensacionalismos periódicos da época tenham contribuído para exaltar este fenómeno?

Tenho tentado a realizar um trabalho rigoroso em todos os sentidos, e não tenho descartado nenhuma hipótese para apresentar ao leitor uma visão mais global e exacta possível que poderia ter originado aqueles acontecimentos. Todos os factores têm sido analisados e destacados em justa medida, desde as notícias falsas, os rumores que sugeriram os primeiros, o interesse económico demonstrado por alguns jornais e, inclusive, as mentiras. Também expôs a utilização “política” por parte de alguns jornais, ao contribuir para um clima de crispação com Espanha pelo contencioso de Cuba.

O incidente de Roswell de 1947 que descreve o suposto acidente de um OVNI nesta localização do Novo México, fez com que muitos especialistas sustentem a teoria de que as testemunhas confundiram uma nave extraterrestre acidentada com os restos de um balão de uma experiência secreta conhecida como Projecto Mogul, hipótese que suscitou grande polémica. No caso da Air-Ship, dada a eminente guerra entre os Estados Unidos e Espanha por uma possessão de Cuba, cabe a possibilidade de ter-se produzido confusões entre os avistamentos de estranhas naves aéreas com prováveis projectos americanos secretos?

Por respeito a Roswell não se pode perder nunca a perspectiva de que se tratou de um incidente informado, num primeiro momento, pelos próprios militares norte-americanos assegurando num comunicado de imprensa de que tinham capturado um “disco voador”. As sucessivas

explicações, ao longo de mais de cinco décadas, para tentar resolver o assunto, não foram suficientes para confirmar que escondem algo. Em relação à hipótese oficial militar no caso da Air-Ship, está completamente descartada pelo menos para a maioria dos incidentes. Por outro lado existe uma tese paralela definida por alguns investigadores como Michael Busby, autor do livro *Solving the 1897 Airship Mystery* (Solucionando o mistério da Airship de 1897); onde diz nas páginas do seu livro que os cem avistamentos denunciados foram produzidos pelas provas secretas de um grupo “clandestino” do exército americano. Coisa pouco provável visto que não existe a menor prova dele, além de que não se pode explicar os acontecimentos mais estranhos e bizarros.

Os misteriosos tripulantes dos balões fantasmas que percorriam os céus norte-americanos nos finais do século XIX chegaram a contactar em numerosas ocasiões com as eventuais testemunhas, de acordo com as tuas investigações, pois aterraram para renovar as suas stock de provisões. No teu critério, a sua natureza era humana ou alienígena? E, tendo contactado tantas vezes com a população, porque ninguém os fotografou ou os capturou?

Apesar das dezenas de supostos encontros próximos que aconteceram, apenas escassas provas foram recolhidas. Em Chicago, a 11 de Abril de 1897, um fotografo obteve uma polémica foto que desapareceu misteriosamente em poucos dias, enquanto alguns jornais discutiam sobre a sua autenticidade.

Todavia, um célebre episódio ocorrido na cidade de Aurora (Texas), que nos recorda notavelmente o incidente de Roswell, uma destas naves se despenhou nos arredores desta povoação.

Os restos, onde se incluía o corpo sem vida do seu “único ocupante” foram sepultados no cemitério da dita localidade. Muito se tem escrito sobre ele, mas recentes investigações

têm podido localizar diferente material metálico que surpreendeu os especialistas pela sua inusual composição. O mais estranho é que as repetidas petições para exumar o suposto piloto marciano, como denominou a imprensa da época ao tripulante falecido, tiveram um resultado infrutuoso.

Para melhor credibilidade, vários idosos da região não duvidaram em qualificar aquele acontecimento como certo e recordaram, em tempos, os seus familiares dirigiram-se ao cemitério para dar a devida sepultura ao infeliz avião que foi descrito nas páginas dos jornais como de aparência não humana. Sem dúvida, um relato que parece extraído de uma história de Ficção Científica.

Numa das suas obras, Verne manifesta que “resignando-se antecipadamente à sua sorte; se viam transportados a uma humanidade nova, e se inspiravam naquela filosofia que, rejeitando a mesquinha ideia de um mundo criado unicamente para o homem, abraça toda a extensão de um Universo habitado”. És da opinião do escritor? Qual é a tua visão pessoal sobre a vida noutros mundos?

Não tenho a menor dúvida da existência de vida inteligente aí fora. Não é lógico pensar que num Universo de proporções inimagináveis, sermos os únicos inquilinos. Que aborrecido e que desperdício de espaço!

Finalmente, há alguma outra obra de Jules Verne relacionada com os teus estudos sobre enigmas e mistérios que te pode fazer a escrever um novo livro no futuro?

Jules Verne reúne tanto material interessante para estudo e análise, que me dá uma dor de cabeça só de me aproximar à sua monumental obra. Não só irei escrever outro, como não duvido que me irei aproximar do francês numa próxima ocasião. Recentemente pude adquirir um exemplar dos finais do século XIX de *Clóvis Dardentor* que se apresenta muito interessante ●

Actualmente Caravaca é colaborador habitual tanto de rádio como de televisão em várias emissoras e canais de Espanha. Por isso mesmo, tem participado em múltiplas entrevistas relacionadas com as suas investigações, entre as quais se destacam os três congressos de Periodismo do Mistério celebrados em Málaga (2001-2003). Se bem que, *A última profecia de Julio Verne* constitui o seu primeiro livro publicado, não deixa de ser certo que a primeira edição esgotou rapidamente, o que demonstra o interesse do público pelo tema que desenvolve.

Ao êxito da publicação, contribuiu em parte, o apoio do popular Juanjo Benítez, que prologou a obra e disse estar rendido a Caravaca. Outro detalhe atractivo do livro são as constantes incógnitas colocadas na sua contra-capa: Pertencia Jules Verne a uma sociedade secreta? Colocou profecias ocultas nas suas obras? O escritor conhecia a existência de ruínas extraterrestres na Lua e as localizou numa região existente? Sabia da aparição de umas estranhas aeronaves sobre os céus dos Estados Unidos nos finais do século XIX? Traçou um rumo para o voo destes objectos? Que segredos se escondem nas suas *Viagens Extraordinárias*?

Ainda que a crítica em geral tenha sido favorável com o livro, é necessário dizer que há também leitores desiludidos. Alguns mostram o seu descontentamento com o título, pois pensavam que falava, finalmente, da explicação que desvendara os segredos das faculdades visionárias de Verne. Na realidade, Caravaca utiliza um título comercial com o nome do escritor por baixo da subtil relação da famosa máquina Air-Ship com a obra *Robur o Conquistador*, fazendo pompa de uma exposição de ovniologia e divulgação de mistérios já conhecidos associados aos OVNI, como os sondados casos de Aurora e Roswell, cuja autenticidade tem sido rejeitada por certos investigadores não identificados.

Outros críticos mais polémicos denotam a sua preocupação pela forma que Caravaca associa, no seu livro, o escritor francês com extraterrestres, discos voadores e dá a entender que possivelmente pertenceu a misteriosas sociedades com acesso a informação

oculta. Estes especialistas catalogam as suas insinuações de “comprometedoras”. Portanto, não devemos estranhar que publicações desta índole suscitem reacções divergentes, sobretudo, quando estas se aprofundam em temas enigmáticos e esotéricos.

O que é inegável, estando ou não o leitor de acordo com o autor do livro, é o grande trabalho de recompilação e informação sobre o fenómeno Air-Ship que sacudiu a sociedade norte-americana nos finais do século XIX. Além disso, as suas arriscadas opiniões em torno da semelhança e concordância da obra de Verne e os acontecimentos protagonizados por aqueles “dirigíveis fantasmas”, orientam-nos a substituir a visão que temos do escritor como uma figura associada a poderes premonitórios.

Pessoalmente, chamam-me à atenção as denominadas “palavras-chaves ocultas” inseridas pelo autor de forma “rápida”, rendendo assim homenagem ao estilo narrativo de Verne. Porém, quais e quantas são aquelas palavras-chaves? Pelo menos, esta entrevista a Caravaca revelou, um destes códigos: a inclusão de uma provável viagem do escritor à Grécia, relacionada com a sua suposta pertença a uma seita mística na sua época.

Mas Caravaca dá-nos outras pistas: introduziu um pequeno erro que nos pode levar a “redescobrir” um misterioso e conhecido autor que também escreveu um livro que contém curiosas “profecias literárias”. De quem se trata? Outra palavra-chave está relacionada com um dos casos de OVNI descritos na sua obra, mas qual? São pois estas incógnitas abertas ao leitores dispostos a desentranhar a intriga.

Se há algo chamativo, é a defesa que o autor faz dos mistérios sobre os extraterrestres, e não admitindo que acredita nos OVNI, apresenta-se como um grande apaixonado pelos enigmas. O que se pode concluir do livro é a sua virtude de nos transportar a uma viagem no tempo até aqueles anos dos finais do século XIX, que coincidiram com a última parte da vida de Verne. Sem dúvida, uma investigação que pretende aproximar a vida e obra do autor.

Viagem debaixo das águas

William Butcher

Tradução castelhana: Ariel Pérez

Sobre o autor



wbutcher@netvigator.com
<http://home.netvigator.com/~wbutcher/>

Foi director fundador do Centro de Línguas da IVE de Hong Kong e é actualmente um escritor independente e restaurador de propriedades. Publicou, em 2006, Jules Verne: *The definitive biography* que recebeu críticas muito favoráveis e está catalogada como a biografia mais completa escrita sobre o autor. Encontra-se a preparar neste momento a segunda edição do livro com novas informações e correcções. Colaborou com Michael Crichton para vender 50,000 exemplares por ano. Já publicou várias traduções de livros de Verne para o idioma inglês, na sua maioria com anotações. É um dos mais importantes especialistas mundiais que lidera a investigação em torno a Verne. Tem sido um dos grandes promotores e o motor impulsor no restabelecimento dos textos originais de Verne no mundo anglófono.

Depois do seu artigo sobre Hatteras, William Butcher traz-nos, nesta ocasião, o resultado das suas investigações a partir dos manuscritos de *Vinte mil léguas submarinas*, uma das obras-mestras do escritor francês.

Neste breve texto a partir de uma investigação actual dos manuscritos de *Vinte mil léguas submarinas*, analisarei algumas características importantes que servirão como introdução ao estudo da obra-mestra de Verne.

Em Março de 1868, descansando depois da aridez das 500 000 palavras da *Géographie illustrée de la France*, Verne começa a sua obra mais ambiciosa. As suas cartas revelam uma grande excitação perante a ideia de «essa desconhecida» e a sua «situação absoluta»: «Estou inteiramente na *Voyage sous les eaux*¹... Trabalho com um prazer extremo»; «Se não pudesse terminar esse livro, não ficaria satisfeito. Nunca tive um tema tão bom entre mãos».

Todavia, depois do envio do manuscrito, o escritor assusta-se. O editor não gosta do livro, e deseja retirar as melhores partes. É importante, portanto, determinar: (a) o que Hetzel não gosta e (b) o que Verne fez para encarar o problema, questão esta ignorada pela crítica até aos nossos dias.

Os manuscritos

Chamemos aos dois manuscritos 20M1 e 20M2², e as partes, I e II³. Os capítulos do I ao X estão ausentes em 20M1 I, mas 20M1 II, 20M2 I e 20M2II estão completos.

20M1 foi escrito com uma ortografia relaxada, e as correcções, sobretudo, são difíceis de decifrar. Muitas das passagens, a jogar pelos extractos ao acaso, são inéditas. Ainda que diferem frequentemente do livro, sobretudo na segunda parte, 20M2 servirá para as provas. A primeira folha, não numerada, de 20M2 I, que é escrita com caligrafia «média grossa», intitula-se

1 Em português, Viagem sobre as águas. *Voyage sur les Eaus* é o nome dado por Verne ao manuscrito original.

2 [28 de Março de 1868]; 10 de Março de 68, a Pierre Verne; [28 de Março de 68].

3 Jules Verne ofereceu um terceiro manuscrito ao Conde de Paris em 1878 (CNM 139), que estaria ainda na Biblioteca do Conde de Paris (MD, que cita Piero Gondolo della Riva, sem dúvida, numa comunicação privada)

«Vingt mille lieus sous les Océans»⁴. Visto que o título definitivo aparece em 20M1 II⁵, e tendo em conta as modificações dos nomes das personagens, Verne deve ter escrito esta primeira parte antes de escrever 20M2 I.

A primeira parte de 20M1 começa na página 1, mas, segundo MD, contém dois outros suplementos, numerados «0» e «0 bis» e intercaladas entre outras coisas. Apenas contém vinte e dois capítulos, no lugar de vinte e quatro de 20M2. Sem dúvida, por razões de legibilidade, o episódio didáctico da apresentação do *Nautilus*, «*Tout par l'électricité*»⁶ (I XII), será desdobrado (20M2 I XII-XIII). Por isso, os capítulos I XIV-XV serão divididos em três (20M2 I XV-XVIII).

Os títulos dos capítulos evoluem também, entre os manuscritos⁷. Desta forma «une baleine en tôles galvanisées»⁸ converter-se-á em «...d'espèce inconnue»⁹; «4000 Lieus»¹⁰ completa-se com «...*ῥῶμας ἢ .Πακίφικη*»¹¹; «~~Les xxxx de Corail~~»¹²

4 Ao citar as referências ao manuscrito, utilizou uma forma abreviada: «II XII 13» (segunda parte, capítulo XII, p. 13), seguindo a paginação de Verne, ou, se se tratar de uma segunda citação, simplesmente «14». Quando o número do capítulo das edições Hetzel difere, indicarei de igual forma, em última opção da seguinte forma: «II XXVI 107 XXVII». O sublinhado, é o que está unicamente no livro; em itálico, o comum entre os dois. Como consequência desta forma alterna romano/itálico/sublinhado, abstraio o itálico no manuscrito do livro. O texto ~~eliminado~~ do manuscrito indica-se como tal. O texto ilegível aparece como xxx.

5 Vinte mil léguas debaixo dos oceanos (N. do T.). A partir de agora, todas as referências à tradução de termos franceses deverá ser tomada como nota do tradutor. A página do título de 20M1 II («segunda parte») escreveu-se por descuido na parte de trás do folio 47 (MD)

6 Tudo pela electricidade

7 O salto do capítulo de 20M1 XXI (em edição: XXII) falta por descuido, porque XXII está numerado de forma normal.

8 Uma baleia de chapas galvanizadas

9 De espécie desconhecida

10 4000 léguas

11 Sob o Pacífico.

12 Os xxxx de coral

será «*Le détroit de Torrès*»¹³; «*Les houillères de Ténériffe*»¹⁴ se irá converter em «... *şouş-marıneş*»¹⁵; e «*Scies et baleines*»¹⁶ substituirá «*Çaçheleşt...*»¹⁷. Quem sabe se pela pressão de Hetzel, «*L'attaque*»¹⁸ —iniciado pelo navio de guerra— se transformará em «*Uñe Hêcaçombe*»¹⁹; «*Le Maelstrom*»²⁰, finalmente, será «*Leş Derniereş parç. leş.du çapitaine.Nemo*»²¹.

20M2 apenas parece ter apenas um comentário do escritor na margem. O próprio Verne indica que o sentido da palavra «*quintillion*»²², significa «3.000.000.000.000.000.000» (20M2 I XIV 117). Ao contrário, 20M1 tem várias anotações importantes.

Na margem, depois do início do capítulo «*Quelques jours à terre*»²³ (I XIX), fala-se num submarino, que regressa dos capítulos já existentes, antes de se aventurar no novo: «198 *dét. de Torrès / 19 quelques jours à terre / 20 [triuxre] de chacun / 21 l'océan indien / 22 perle de 10 millions / 23 Oegri somnia / 24 univers de corail / / Tome 2. / 1 La mer rouge / 2 Santorini / 3 le sahara / 4 méditerranée*»²⁴ (I XIX 43). Três títulos são inéditos: o deserto de Sahara encontra-se bem longe da rota que Nemo selecciona finalmente. Trataria-se de uma aproximação geográfica para falar da costa Magreb?, ou queria Verne realmente fazer passar o submarino, nos abalos subterrâneos de «Santorini», por bai-

13 O estreito de Torres

14 As minas de carvão de Tenerife

15 submarinas.

16 Serras e baleias.

17 Cachalotes. 20M2 I VII 48; 20M1 I XVI 28 XVIII; 20M1 I XVIII 39 XX; 20M1 II XII ZZ; 20M1 II X ZZ.

18 O ataque.

19 Uma dizimação.

20 O Maelstrom.

21 As últimas palavras do capitán Nemo. 20M1 II XXI ZZ; 20M1 II XXII ZZ.

22 quintilhão.

23 Alguns dias em terra.

24 198 *estreito de Torres / 19 alguns dias em terra / 20 [xxxx] de cada um / 21 o oceano índico / 22 perda de 10 milhões / 23 Oegri somnia / 24 universo de coral / / Parte 2. / 1 O mar vermelho / 2 Santorini / 3 o sahara / 4 mediterrâneo.*

Cronologia

25 de julho de 1865: George Sand: «Espero que nos conduza bem às profundidades do mar e que faça viajar as suas personagens nesses aparelhos submergidos que a sua Ciência e a sua imaginação possa permitir perfeccionar»..

10 de agosto del [66]: «preparo também o nosso *Viagem debaixo das águas*»..

[**21? de agosto**]: «não posso deixar de pensar na *Viagem debaixo das águas*».

Setembro u outubro: final de uma primeira fase de redacção.

[**29 julho 67**]: «lamento que o meu polaco [sic]».

Primero de março de 1868: Verne reinicia a redacção.

28 de março: «o primeiro volume está quase a metade».

11 de agosto: «reescrevo todo».

[**19 de agosto**]: «estou comprometido perante Gravesend... aí termino o primeiro volume».

[**26 de dezembro**]: «recebi os esboços de Riou».

31 de dezembro: «trabalho arduamente em... voltarei a copiar meu segundo volume [20M2 II]».

7 de janeiro de 1869: «Recebi as suas revisões. As suas indicações são excelentes e me guio por elas».

[**21? de janeiro**]: «Enviei a Riou as entregas que me chegaram, de maneira que, em alguns dias, o conheça [20M I] todo completamente».

22 de fevereiro: «tenho reescrito... à metade do segundo volume».

20 de março: publicação no MÉR (ate

20 de Junho de 1970).

[**25 de abril**]: **Hetzel:** «sim... agrada-me assim o terceiro volume, esse segundo que se converte em dois volumes, irei aplaudi-lo com todas as minhas forças»

[**29? de abril**]: Verne insiste na incoerência das sugestões do editor a respeito do final do Nautilus e da morte de Nemo.

15 de maio: «o final da viagem... se deve renascer... / O melhor é que Nemo lute contra toda a sociedade... Menos bem, estava a luta... de um polaco contra a Rússia... havíamos-lo rejeitado por razões puramente comerciais. / Agora, se apenas se trata da luta de Nemo contra um adversário quimérico... se reduz tudo de forma singular. »

[**17 de maio**]: «Posso ver claramente que sonha com uma pessoa diferente de mim».

[**22 de maio**]: «recebi o manuscrito».

[**8 de junho**]: «esteja seguro que não reescrevo todo o manuscrito [20M2 II]. Apenas copio todas as alterações».

[**21? de junho**]: «Me diz: mas ele comete um acto malvado! Lhe respondo: Não... Em tal situação, eu mesmo o afundaria sem remorços».

[**30 de junho**]: «estudo das *Vingt...*».

[**Agosto**]: «... as provas que reenviei».

[**2? Setembro?**]: Verne corrige novamente os manuscritos.

28 de outubro: edição in-18 de 20M I

25 de junho de 1870: edição in-18 de 20M II.

16 de nov. de 1871: edição in-8°.

xo das areias?

Outra variante significativa neste sumário é que a ordem dos capítulos é diferente. No texto escrito de 20M1, «*La Perle de 10 millions*»²⁵ se localizará dois capítulos depois, assim como dois capítulos antes o farão «*Le Royaume du corail*»²⁶. Visto que «*4 méditerranée*» acaba por ser na edição final «*VI. Le Méditerranée...*»²⁷, pode ser que Verne tenha previsto nesse momento, para completar 20M1 II, mais uns três capítulos que

25 A perda de dez milhões.

26 O reino de coral

27 VII O mediterrâneo.

não escreveu na realidade.

A margem contém quatro remissões às fontes de inspiração ou documentação de Verne. Uma frase inédita aparece, em efeito, no texto sobre «as verdadeiras correntes do mar»: «O planisfério indica neste lugar, uma das suas correntes especiais, que contrasta sobre a massa líquida pelo seu calor e sua *temperatura*, em que a principal é a corrente do Golfo». Na margem, Verne indica a sua fonte: «les 6 courants. Sc. 12 308»²⁸ (20M1 II XII 13), jornal ou obra científica multivolume não só desafortunadamente

28 As 6 correntes. Sc. 12 308

muito pouco precisa como para ser identificada.

De igual maneira, à frente de três outras passagens vêm-se referências significativas. Ao lado de «esses curiosos polípeiros cujo conjunto forma ilhas inteiras que se irão converter um dia em continentes», aparece «rev g. 116, 129 (10 linhas)» (20M1 I xi 5). Esta é provavelmente uma referência ao suplemento semestral de *Tour du monde*, escrito por Vivien de Saint-Martin e chamado «Revue géographique du 1er / 2e semestre de [l'année en cours]»²⁹.

Duas remissões de 20M1 localizam-se na margem imediatamente antes das linhas em branco, prevenindo uma adição posterior. Assim, em «Nemo... tinha-se transformado: não o teria reconhecido», apareceu a anotação «haine. Grat. 369»³⁰; e do lado de «Estamos admirados, assustados», «Grat. 49, 51». Trata-se de Louis-Pierre Gratiolet (1815-1865), anatomista e antropólogo, colaborador do Museu de História Natural e autor do livro *De la physiologie et des mouvements d'expression*³¹ (Hetzl [1865], Gallica). Por outro lado, este autor é citado na obra, quando Aronnax identifica as «qualidades dominantes» de Nemo a partir do seu aspecto (I viii).

Analisando a página 369 de *De la physiologie...* esta contém as informações seguintes: «[no] ódio... a cabeça delira, o olho fulgura, a visão se perde, a testa se franze... Os dentes mostram-se... o corpo se engarota, os punhos fecham-se, a cabeça dobra-se entre os ombros». Na edição, a primeira lacuna é preenchida com uma passagem similar: «Os seus olhos brilhavam com um fulgor sombrio por baixo do seu olhar severo e recolhido. A boca mostrava os seus dentes apertados. O seu corpo, tenso; os seus punhos, fechados, e a sua

29 Revista geográfica do 1º/2º semestre do [ano em curso]. Visto que o suplemento se publica invariavelmente nas páginas 417-424 do volume em questão, o «116, 129» é, portanto, misterioso.

30 ódio. Grat. 369. I xxii 56 xxiv ; I xxii 60 xxiv.

31 Da fisionomia e os movimientos de expressão.

cabeça, pregada entre os ombros, denunciavam a violência do ódio que exaltava a sua pessoa. Estava imóvel.» (I xxiii 266).

Igualmente, a página 49 de Gratiolet descreve as reacções fisiológicas à vista da «beldade»; a 51, provocadas pelo «assombro». O segundo vazio encher-se-á devidamente na edição com uma descrição de «a admiração... ou assombro» perante a flora submarina. Nos dois casos, Verne copia textualmente o vocabulário científico, mas o reescreve em termos mais desenvolvidos e literários..

Depois chegou Hetzel

Logo depois do fim da redacção, Hetzel sugere adicionar, um terceiro volume aos dois já existentes [25 de Abril de 1869]³². Aumentá-lo, argumenta, seria uma questão simples de juntar alguns episódios. Estes poderiam explicar: a evasão de Ned Land «duma ilha deserta», a sua recolha e a sua reconciliação; algumas partes que puseram em cena John Brown, o célebre abolicionista, parte que Hetzel mesmo escreveu, mas que logo se perdeu; e outra onde, com o propósito de «animar» o *Nautilus*, Nemo podia «salvar os chinezinhos [sic] sequestrados dos piratas chineses... Podia subir um a bordo» [25 de Abril]. Não se conhece a resposta de Verne a estas surpreendentes ideias, das que, afortunadamente, não escutou.

Um número de passagens de 20M2 tem as recomendações do editor. Depois do diálogo onde Aronnax diz a Conseil, ««quero muito.» / «Para deixar a sua parte a outro <muito, mas não tanto

32 Para a correspondência entre Verne e os Hetzel, utilizo um sistema abreviado, sem outra indicação; uma segunda referência ao mesmo ano aparecerá simplesmente como «26 de Junho».

Sumário dos capítulos a escrever (20M2 I XIX 43).

para tê-lo sem necessidade»», três linhas de Hetzel sobrevivem na margem do texto: «muito— não há. Vai tê-lo sem necessidade» (20M2 I xxi 195), conselho que, segue apenas depois, numa parte. Numerosas sugestões do editor subsistem nas passagens onde Nemo e Aronnax analisam as condições, dos três sobreviventes, de permanecer a bordo do submarino (ver mais em baixo). É, quem sabe, ao copiar novamente as anotações a lápis na margem, que Verne insere a passagem ««e a substância cerebral... e o movimento»» (20M2 I xxiv 237). No parágrafo «... o capitão Nemo, imprudente até à loucura, queria levar seu submarino pelo caminho [do estreito de Torres] onde estiveram as duas embarcações de Dumont d'Urville» (20M2 I xx 187), uma dezena de linhas de Hetzel vêm-se riscadas horizontal e diagonalmente. Verne não modificou o seu texto.

Todos conhecem as palavras do capitão Nemo: «assusta-o, senhor professor, ter encontrado selvagens ao pôr pé em terra?»³³. Para completar o intercâmbio, o editor junta as linhas: «Selvagens, onde não os há? E além disso, estes que você chama selvagens são

33 20M2 I xxii 210, cf. 20M1 I xx 53 xxii.

piores que os outros?» Verne volta a copiar cada palavra reescrevendo sobre as de Hetzel, para inserilas num dos diálogos chaves da obra.

Apesar da ausência das suas anotações, é possível que uma grande parte dos textos colocados à parte sejam directamente escritos pelo editor e apenas adaptados, eventualmente, por Verne. Como indica o diálogo dos selvagens, acredita-se que todas as intervenções do editor tenham sido prejudiciais. Mas a adopção de tais hipóteses, que faz do editor o primeiro autor da maioria das variantes entre os manuscritos e o livro, reforçaria, se fosse necessário, a urgência de explorar os manuscritos de cima a baixo.

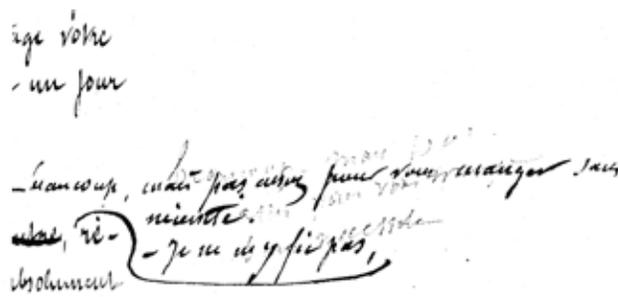
Juan e Oyonnax

Como é frequente na obra de Verne, os nomes dos personagens de 20M e os outros nomes próprios experimentam modifica-

ções constantes. Além disso, as alusões literárias e as referências à França evoluem.

Nemo recebe seu nome depois de varias tentativas. No princípio do manuscrito chama-se «o capitão x...» ou, mais frequente no livro, «o descobridor». Nos capítulos seguintes, simplesmente se converte em «Nemo» e depois, três vezes, «o capitão Juan Nemo» — quiçá uma alusão à sua grandiloquência hispânica ou ao seu estilo de vida anti Don Juan³⁴.

O narrador recebe inicialmente a designação, pouco favorável, de «Oyonnax»³⁵. Em 20M2 I e nos



Verne escreve sobre as anotações de Hetzel (20M2 I XXI 195).

primeiros capítulos de 20M1 II, o nome escreve-se «Arronax» ou «Arronnax». A excepção é a primeira ocorrência de «Aronnax» (20M2 I || 9). Aparentemente, a razão da adopção resulta ser pelas tipografias desta forma, pouco conforme ao uso. A correcção «Oyonnax Aronnax» (20M2 I xxii 210) confirmaria que a versão 20M2 I se escreveu antes de 20M1 II ●

34 20M1 I xi-xiv, p. ex. 20M1 I xiv 20 ; p. ex. 20M1 I xi 1 ; 20M1 I xv-xvi 25, 28, 31. Esta forma confirma que «Nemo» é nome de família (cf. o «M. Nemo» de Conseil (I xx)).

35 20M1 I xi 1. Oyonnax é uma localidade de Ain, na confluência de Sarsouille e do Ange.

Oyon é um nome comprovado, mais ou menos judeu e poderia corresponder a À. Oyon, autor de *Une véritable cité ouvrière* [Uma verdadeira cidade trabalhadora] (1865).

Verne escreve a Hetzel em 1869 a propósito de *Vinte mil léguas submarinas*

Se Nemo fosse um polaco e a sua esposa tivesse morrido sobre a calamidade russa e os filhos tivessem perecido na Sibéria, e ... se tivesse encontrado com uma embarcação russa... todos admitiriam a sua vingança. (8 de Maio)

...

A respeito de um barco corsário, pirata ou negreiro, sabe que já não existem.... O melhor é que Nemo lute contra toda a sociedade. Uma boa situação mas é difícil que as pessoas acreditem nela pois não haveria motivo para tal luta.

Menos bem, estava a luta contra aqueles que fizeram um proscrito, um polaco contra a Rússia. Isso era mais directo. E o havíamos rejeitado por razões puramente comerciais.

Agora, se apenas se trata da luta de Nemo contra um adversário quimérico tão misterioso como ele, não seria mais que um duelo entre dois indivíduos e se reduz tudo de forma singular.

Não, como disse, se necessita da vacuidade e veremos como fazê-lo. (15 de Maio)

...

Posso ver claramente que sonha com uma pessoa diferente de mim.... Tudo o que necessito é justificar a terrível acção do capitão nos termos da provocação que experimenta. Nemo não vai atrás dos barcos para afundá-los, responde ao ataque. Em nenhum lugar, o que sugere a sua carta, fiz

um homem que mata sem razão. Nemo tem uma natureza generosa e os seus sentimentos se expõe ao ver o ambiente que o rodeia.

O seu ódio à humanidade é explicado de maneira suficiente devido ao que sofreu, tanto ele como a sua família. (17 de Maio)

...

Recuso-me a escrever a carta para si a respeito ao capitão Nemo. Se não posso explicar o seu ódio, me mantere em silêncio sobre a razão do aborrecimento do herói ou sobre a sua vida, sua nacionalidade, etc... ou se for necessário, trocarei no final.

Me diz: mas ele comete um acto malvado! Lhe respondo: Não. Imagine de novo -esta foi a ideia original para o livro- um nobre polaco cujas filhas foram violadas, a sua esposa assassinada com uma tocha, seu pai chicoteado até morrer, um polaco cujos amigos morriam todos na Sibéria e sua própria nacionalidade desapareceria da Europa bem debaixo da tirania russa.

Se este homem não tem o direito a afundar as fragatas russas onde as encontrar, então vingança é apenas uma palavra mais. Em tal situação, eu mesmo afundaria sem remorsos. Para não se sentir como eu neste assunto, é necessário que nunca tenha odiado! (11 de Junho de 1869?)

De umas secretas aventuras...

Brian Taves

Tradução castelhana: Cristian Tello

Sobre o autor



btav@loc.gov

Doutor em Estudos cinematográficos e História Americana. Trabalha como arquívista de filmes e séries de televisão na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Foi co-autor de *The Jules Verne Encyclopedia* (Scarecrow, 1996). Editou a primeira versão, em inglês, do conto *Aventuras da família Ratón*. Já publicou vários artigos sobre o escritor francês em várias revistas. Interessa-se também na figura do filho e já dedicou estudos o trabalho de Michel como escritor. Foi autor de vários comentários críticos de livros de estudos sobre Verne. Já participou em várias conferências em eventos relativos a Verne e ao cinema. É membro activo da *Sociedad Norteamericana Jules Verne*. Também é autor de livros sobre realizadores de cinema. É especialista no tema dos filmes baseados nas *Viagens Extraordinárias* e sobre este tema particular prepara um livro..

As aventuras secretas de Jules Verne é uma série canadense estreada em 2000 que apenas durou uma temporada, apesar de ter gerado grande expectativa ao oferecer um guião potencialmente atractivo, mas que, lamentavelmente, deixou incumprido o seu propósito. A história apresenta um jovem Verne que, na década de 1860, aspira a ser escritor e inventor (quando de facto já estava casado e estava a pouco de se tornar um escritor de sucesso). Na série, Verne conhece as suas personagens, Phileas Fogg e Passepartout, e comparte com elas muitas aventuras pelo mundo, transportado a bordo do Aurora, um gigantesco balão mais leve que o ar, que Fogg ganha numa aposta.

O grupo se faz acompanhar por um novo personagem, Rebecca (Francesca Hunt), prima de Fogg, a primeira agente feminina dos serviços secretos, para quem Phileas tem mais que sentimentos platónicos. Lamentavelmente, Rebecca parece-se demasiado a Emma Peel em *The Avengers*¹ e carece da beleza necessária ou o carisma para gerar a sua própria atracção; aliás, parece tão masculina que ficamos a pensar se usa esteroides.

Fogg permanece como Verne o imaginou, com um passado misterioso, intrépido, mas fleumático e reservado, sem chegar à descrição de fez Philip José Farmer em *The other log of Phileas Fogg*². Phileas é o herói e protagonista romântico, interpretado, de forma apropriada, por Michael Praed. Fogg apresenta a Verne (Chris Demetral) um mundo estranho, em que se mostra tímido, inexperiente, e com frequência ingénuo, pois em algumas ocasiões será necessário salvá-lo. Passepartout é o seu criado cómico, mas também um inventor, o que parece ser uma rara combinação. Os actores também dão sinais da presença

1 Série de televisão britânica produzida pela Associated British Corporation. O seu argumento se baseia numa mistura de elementos de Ficção-Científica e espionagem. Foi transmitida entre os anos 1961 a 69.

2 Livro de Ficção-Científica que faz uso da corrente steampunk. Publicado em 1973.

Há uns anos uma cadeia de televisão canadense emitiu uma série baseada nas obras de Verne. Brian, especialista no tema, apresenta um comentário sobre as suas aventuras e desventuras.

de uma produção multinacional com uma mistura de distintos sotaques: britânico (Fogg), francês (Passepartout) e americano (Verne).

A série foi produzida de forma independente num estilo moderado que mistura livremente a fantasia, o horror e a Ficção-Científica. Lamentavelmente, apesar da grande quantidade de ligações possíveis com os personagens e incidentes das histórias de Verne, não se usa nenhum deles, excepto um episódio isolado que refere uma arma espacial.

Os personagens reúnem-se pela primeira vez quando perseguem uma “toupeira” que se move pelos esgotos de Paris. Por trás de tal acontecimento está a Liga da Obscuridade, destinada a conservar a aristocracia e parar o continuo avanço da democracia na Europa; objectivos aos que Verne e Fogg, naturalmente, se opõe. Por outro lado, Jules viaja ao oeste selvagem (ali conhece Thomas Alva Edison, Jesse James e Samuel Clemens), encontra uma múmia, um castelo cheio de vampiros e até um golem³. Viaja no tempo graças a um dispositivo criado por Leonardo da Vinci e quando encontra Alexandre Dumas, visita França na época do cardeal Richelieu.

Além de Dumas, aparecem outros personagens contemporâneos reais, inclusive nada menos que Nadar e Napoleão III. Lamentavelmente, pouco se aproveitou do potencial destes personagens históricos; por exemplo, a apresentação da Rainha Victória no episódio de abertura tem muito menos impacto que o seu encantador regresso em *Those fantastic flying fools*⁴. Em nenhum sentido *Las aventuras secretas de Jules Verne* é uma adaptação, ou ainda

3 Um golem é, no termo medieval e na mitologia judaica, um ser vivo fabricado a partir de matéria inanimada. No hebreu moderno, a palavra «golem» significa «tonto» ou então «estúpido». O nome parece derivar da palavra *gelem*, que significa «matéria em bruto».

4 Filme cómico de 1967, titulado originalmente *Rocket to the Moon*, dirigido por Don Sharp e escrito por Dave Freeman e Harry Alan Towers. Protagonizado por Burl Ives e Troy Donahue (N. do T.)

uma tentativa de utilizar as possibilidades de Verne como indivíduo. Entretanto, como outra série que foi filmada simultaneamente, *O mundo perdido* de Arthur Conan Doyle, esta constitui uma nova variedade sobre o nome e suas conotações míticas para encarar nas exigências de uma série moderna.

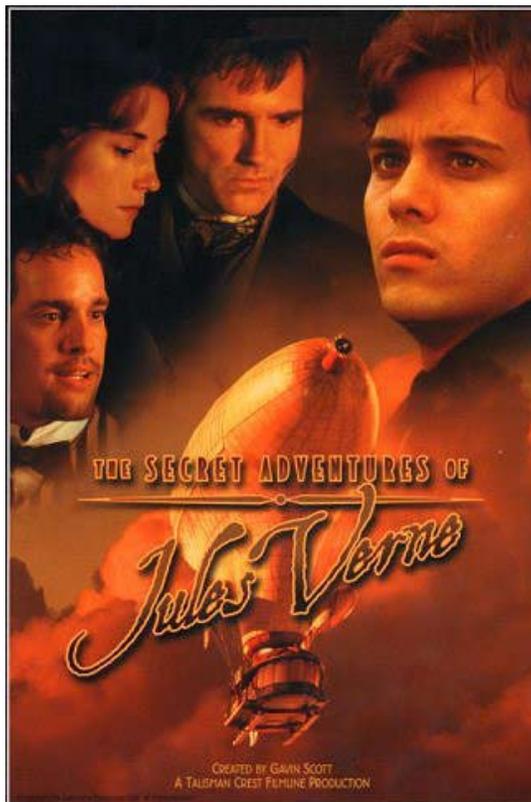
As significativas proezas de Verne na história estão mais perto do mundo da Ficção-Científica actual, que a própria imaginação de Verne. Filmando em ecrã largo com formato de alta definição para TV, a claridade da imagem é notória ainda na emissão normal, apesar de os efeitos especiais serem mais variados em qualidade.

A série trouxe muitos seguidores, que a admiram não tanto como uma prequela de *A volta ao mundo em oitenta dias*, mas sim como um exemplo do crescente *steam-punk*, subgénero da Ficção-Científica que se localiza na ciência moderna no contexto do passado. Pode-se comparar esta série com as séries de televisão dos anos sessenta *The wild, wild west*. Os actores foram aprovados pela crítica, sobretudo Hunt e Praed, este último muito apreciado pelas suas admiradoras. Os telespectadores também expressaram a paradoxal perspectiva de que o guião da série era o seu aspecto mais débil, donde se destaca o vilão Conde Gregório e a *Liga da Obscuridade*. Na realidade, a historia, na sua totalidade, é pouco original. A melhor parte é derivada dos acontecimentos reais da juventude de Verne e, com ele o anseio de ver mais sequencias retiradas na sua obra, estes sentimentos revelam que a decisão de separar o espectáculo da sua aparente fonte de informação, pode ter diminuído o seu interesse.

Dois episódios, *Lord of air and darkness* y *Southern comfort*, oferecem assuntos típicos de Verne. Inicia-se, provavelmente, com uma homenagem inconsciente a *O castelo dos Cárpatos*. Depois, a série apresenta

frequentemente um dirigível e a tripulação cujo conceito e desenho se basearam claramente no *Albatros* do filme *Master of the World* de 1961. O *Aurora* toma o lugar do *Go-Ahead* de *Robur the conqueror*, ocupando-se da perseguição de um dirigível.

Noutras palavras, a série altera os propósitos de Verne. Não só se invertem os tamanhos comparativos, mas sim que o dirigível prova ser mais capaz que o artefacto mais leve que o ar que se apresenta. Tampouco a série pode levar à ameaça do filme citado devido à pobreza dos efeitos especiais num episódio onde os necessitava, nem o de representar uma nave que conta, supostamente, com um poderoso arsenal militar e é destruída por um canhão bem dirigido disparado desde o solo.



Apenas um episódio de *As aventuras secretas de Jules Verne* demonstra alguma evocação à obra verniana, o que eleva as limitações da série. Titulada *Rocket to the Moon*, devia celebrar logicamente a viagem à Lua de Verne à maneira de *Voyage dans la Lune* de Méliès e do filme *Thou se fantastic flying fools*. Nesse caso,

também fracassa ao tratar de chegar à sátira padrão e à suspensão da produção de Harry Alan Towers, que parece ter sido a sua inspiração.

O deslocado guião de Gavin Scott, o criador da série, não alcança a lógica de Towers, ao lançar uma miríade de temas vernianos que não têm conexão devido à ausência central de lógica dramática. Começa a bordo da *Aurora*, onde Phileas viaja e faz uma visita a um velho companheiro de jogo, enquanto que Rebecca, numa missão secreta, se lança, em paracaidas, até ao solo. Porque simplesmente não desembarcou? Fazendo o possível por inverter a idealização do czar em *Miguel Strogoff*, a carregada história de Scott tem um discurso político sobre a servidão dentro da aparente premissa da Ficção-Científica que a desprende de qualquer sensação de admiração. O endinheirado amigo de Fogg, que tem uma enorme propriedade, construiu um canhão gigante. A sua base parece desenhada pelo próprio Herr Schultz de *Os quinhentos milhões da Begum*, colocada numa ladeira da montanha de acordo com o plano original de *Da Terra à Lua* e o seu desenho em *O segredo de Maston*.

Enviar um projectil ao espaço, uma ideia que ataca o intelecto de Verne, é de facto uma mera pretensão para perpetuar um assassinato político ao enviar um obus para destruir St. Petersburg (ao estilo do plano de Schultz para Franceville em *Os quinhentos milhões da Begum*) se o czar levar a cabo o seu plano de o libertar aos servos. Colocam Verne na boca do canhão, ao estilo do que aconteceu em *A casa a vapor*, mas Rebecca resgata-o cumprindo a sua missão. Permanece sem explicação o que ocorreu para que coincidissem com a visita de Philes. Apesar de se descrever algumas experiências com toques espaciais, nunca chegaram a explorá-las, de forma adequada, a questão que trata de como construíram o canhão (aparentemente

sem a ajuda do czar) e o assunto de quem irá à Lua. Em seu lugar, o jogador perde uma luta de espadas com Phileas quando ele, Rebecca, Jules e Passepartout se agrupam para tomar o controlo da sua resguardada fortaleza com uma facilidade tal que constituiria inveja a James Bond. O jogador cai dentro do projectil que automaticamente carrega e dispara, de forma que a ultima acção é dele como o primeiro astronauta, vivo no projectil. Todavia, não está claro se o projectil orbita a Terra, se se dirige à Lua ou se simplesmente voa no espaço.

Não existe sensação de realidade no lançamento, cujo ocorre sem ruído e sem recuo, elementos essenciais com que Verne lida tanto em *Da Terra à Lua* como em *O segredo de Maston*. Como é normal, a imaginação que se evidencia na série não chegar a estar à altura das de Verne, nem nas poucas ocasiões em que se usam as suas ideias. De Verne, Scott apenas parece usar incidentes narrativos, nem no contexto nem na ênfase que os poderes narrativos proporcionam. De facto, é plausível acreditar que o guião foi escrito primeiro, com a tentativa de inte-

A série

Título original: *The secret adventures of Jules Verne*

Guião: Gavin Scott.

Elenco

Michael Praed (Phileas Fogg)

Francesca Hunt (Rebecca Fogg)

Michael Courtemanche
(Passepartout)

Chris Demetral (Jules Verne)

País: Inglaterra e Canadá.

Número de temporadas: 1.

Número de episódios: 22.

Produtores executivos: Nicolas Clermont, Pierre de Lespinois, Neil Dunn, Richard Jackson y Gavin Scott.

Tempo de duração: 60 minutos.

Difusão: Sci Fi Channel

Tempo de emissão: 18 de junho – 16 de dezembro de 2000 .



grar elementos vernianos e a sua falta de êxito levou a abandonar a óbvia realização da série. Os episódios personificam em torno da série na sua totalidade, desconhecendo o que Verne teria em conta como essencial, enquanto colocasse no ecrã como essencial todos os elementos que ele desejava. Ironicamente, esse detalhe faz de *As aventuras secretas de Jules Verne*, uma criação antiverniana

A série em imagens



Pierre Jean - Capítulo 5

Jules Verne

Tradução portuguesa: Estela dos Santos Abreu

A região a leste de Toulon, cheia de bosques e montanhas, sulcada de precipícios e regatos, oferecia ao fugitivo muitas possibilidades de safar-se. Essas terras, que percorrerá tantas vezes, não tinham segredo para ele. Com a esperança de se sair bem, começou a pensar no generoso protetor, cujo objetivo não conseguia entender. Será que o marselhês precisava de um homem decidido, disposto a tudo, pronto a encarar qualquer tarefa, e teria ido escolher esse homem nas galés? Mas Pierre-Jean havia jurado que nunca mais cometeria um crime e que fugiria das propostas indignas como havia fugido da prisão.

Eram dez da noite quando chegou às montanhas do Garona: evitando as estradas mais freqüentadas, escondendo-se nas valetas e na mata assim que percebia por entre o silêncio o som de passos ou de uma carroça, agia com a precaução do malfeitor que vai praticar um crime; só que, no caso, sua prudência era honesta. Embora os disfarces o tornassem irreconhecível, receava ser revistado, e a roupa provençal parecia-lhe um pouco espalhafatosa. Além dos policiais que ficam de atalaia ao ouvir o canhão de alarme, o evadido encontra em cada camponês um inimigo irreduzível: o desejo de segurança e a recompensa oferecida reforçam-lhe a acuidade do olhar, a rapidez das pernas, o vigor dos braços. Se o fugitivo for avistado, será reconhecido, pois sempre lhe fica qualquer estigma físico ou moral, seja porque, habituado ao peso dos grilhões, arrasta um pouco a perna esquerda, seja porque o rosto alterado o trai.

Pierre-Jean chegou, porém, são e salvo à Grande-Bastide. Uma garrafa de vinho e uma fatia de lardo lhe foram servidas numa estalagem onde entrou com a maior serenidade



possível Tomou a precaução de pagar a despesa com moedas graúdas. Bem refeito e com medo das ciladas do sono, pôs-se de novo a caminho. Depois de seguir por um tempo a estrada de Saint-Vincent, teve o cuidado de pegar outra e, sem ter encontrado vivalma, chegou à aldeia de Roubeaux, que preferiu não atravessar.

Por um momento, pensou em não ir ao lugar combinado, sempre com receio de receber uma proposta desonesta; mas a confiança foi mais forte que o temor: seguiu em direção ao norte, deixou Hyeres à direita e

embrenhou-se outra vez na montanha.

O dia despontava; decidiu não se deixar examinar de perto, sustentar o olhar dos curiosos, seguir pelas grandes estradas, andar sempre em frente. Assim, ajeitando a peruca e abotoando o colete, partiu com passo firme.

Absorto em seus pensamentos, ouviu dali a instantes o trote de vários cavalos. Subiu numa escarpa para observar ao longe. A curva do caminho cortava-lhe a visão; mas não havia engano e, colando o ouvido ao chão, logo distinguiu o ruído.

Terminam as aventuras de Pierre-Jean. Qual era o motivo do Sr. Bernardon em facilitar a fuga de Pierre? Chegará Pierre a escapar dos guardas que o procuram? As respostas estão nas seguintes linhas.

De repente, e antes que pudesse erguer-se, três camponeses se atiraram sobre ele; num minuto, estava amordaçado, de mãos atadas, e seus raptos o forçaram a voltar pelo mesmo caminho.

Dois guardas a cavalo chegavam então pela estrada; aproximaram-se dos camponeses e um dos guardas os interrogou.

- É um prisioneiro que fugiu, seu guarda, um fugitivo que acabamos de pegar!

- Oh! - exclamou o guarda. - O desta noite?

- Talvez, mas, seja ele ou outro qualquer, nós o pegamos! - Vão ter uma boa recompensa!

- Que bom, vem a calhar! A roupa dele não serve para os carcereiros e vai acabar ficando para nós.

- Precisam de ajuda? - perguntou o outro guarda.

- Não, muito obrigado! Está bem amarrado, e podemos com ele.

- Ótimo - respondeu o guarda -, porque estamos no encalço de alguém, e isso ia atrapalhar nossa tarefa.

- Tudo bem! Vamos, adeus e boa sorte!

Os guardas continuaram seu caminho, e os camponeses seguiram em outra direção. Abatido, Pierre-Jean andava como um autômato. Amarrado e amordaçado, não podia nem oferecer dinheiro aos camponeses. Quando os guardas desapareceram, os camponeses deixaram a estrada, enveredaram por atalhos desertos e, depois de muito andar, sem dizer uma palavra a Pierre-Jean, chegaram ao rio de Gapau. Enquanto atravessavam numa balsa, o infeliz tentou jogar-se na água; mas foi retido por mãos fortes e teve de desistir da tentativa de suicídio.

Os camponeses também evitavam as grandes estradas e logo chegaram a plena montanha. Pierre-Jean rião entendia nada. Era a serra do Anti. Afastavam-se de Toulon e deviam estar bem perto de Notre-Dame-des-Maures. De fato, Teste des Caneaux logo apareceu; contornaram essa al-

deia e chegaram à estrada principal. Um homem estava do outro lado e parecia aguardá-los. Pierre-Jean foi levado até ele; era o Sr. Bernardon. O prisioneiro quis fazer um gesto, mas o marselhês pôs-se a andar e conduziu o grupo, que não tardou a chegar a uma casinha isolada do vilarejo de Notre-Dame-des-Maures.

Pierre-Jean foi levado para uma sala baixa onde estava uma senhora de idade. O Sr. Bernardon o seguiu com os três camponeses, e as cordas do fugitivo foram cortadas.

- O que querem de mim? Não está certo, senhor - disse ao marselhês.

- Estes homens são de minha confiança - respondeu o Sr. Bernardon.

- Se não tivessem fingido que o levavam para Toulon, os guardas o prenderiam e você estaria perdido!

Pierre-Jean continuava sem compreender nada. A um sinal, sentou-se, e o Sr. Bernardon explicou:

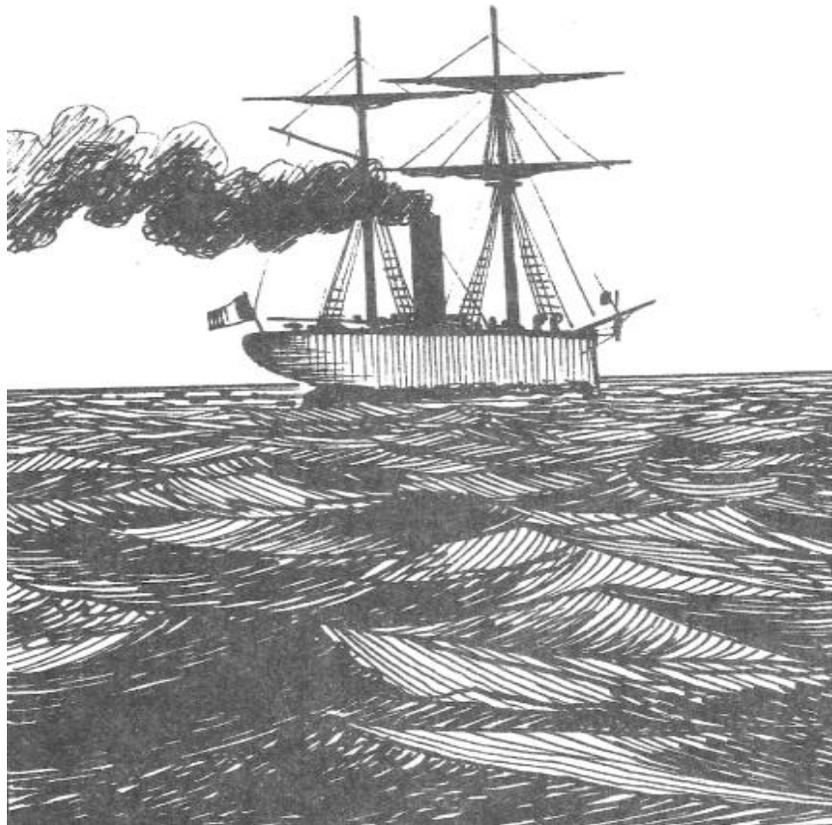
- Escute. Há três anos, Pierre-Jean saía da prisão, onde acabara de cumprir pena, pois havia sido condenado a cinco anos nas galés. A hora da liberdade havia enfim soado para ele; munido de documentos, trajando calças de casimira, camisa nova e chapéu de verniz, deixava o cárcere e seguia mais ou menos a mesma estrada de hoje. Sua riqueza consistia em cinquenta francos, magro pecúlio que havia juntado, vintém por vintém. Decerto não era pessoa de má indole; num momento de desvario havia errado, mas o castigo severo, em vez de corrompê-lo ao colocá-lo em contato com facínoras de todo o tipo, tinha-lhe proporcionado a



ocasião de refletir; queria ver sua velha mãe, ajudá-la e cercá-la de amor. Seu passo rápido e alegre afastava-o do cárcere e trazia-o de volta ao berço natal. Só ficava envergonhado quando os guardas o obrigavam a mostrar o passaporte amarelo que a lei tão cruel impõe ao ex-grilheta em liberdade. Depois de muito andar, chegou à aldeia de Notre-Dame-des-Maures e parou nesta casa. Uma velha mulher aqui estava - e aqui está agora! Ela chorava sozinha a um canto e torcia os braços, desesperada. Pierre-Jean quis saber o motivo de sua tristeza:

“Ah! Infelizmente - explicou ela - meu filho está longe, atravessou os mares para buscar fortuna e me tirar da dificuldade; mas, desde que foi embora, as desgraças se acumularam, as despesas aumentaram, as colheitas se perderam e, por causa de cinquenta francos, a justiça vai pôr à venda meu casebre!”

Parece que a mulher foi eloqüente pelas lágrimas e pela sinceridade; o oficial de justiça ia chegar a qualquer instante e atirá-la no olho da rua! Pierre-Jean amava muito a mãe; Jeanne Renaud, sem recursos e também idosa, podia ter passado por situação semelhante, e o dever de toda alma caridosa seria ajudá-la; ele só tinha cinquenta francos e os entregou à pobre velha. Pierre-Jean havia feito uma boa ação; saiu de coração leve e contente consigo mesmo; nesse momento, chegou o oficial de justiça. Continuando o caminho e sem se arrepender de seu gesto, Pierre-Jean pôs-se a pensar que, se tivesse cem francos, teriam sobrado cinquenta, cinquenta que cairiam muito bem, fosse para terminar a viagem, que era longa, fosse para prover sua subsistência, pois a mãe era pobre! Além do mais, não ia ser fácil Pierre-Jean conseguir trabalho quando soubessem de onde vinha! Ora, nesse momento, o oficial de justiça, satisfeito com o pagamento feito pela mulher, a quem havia dado recibo, vinha passando de volta. Uma infeliz idéia apoderou-se de Pierre-



Jean: sem tirar nem mais um centavo do oficial, recuperou a posse dos cinquenta francos e, achando que a boa ação compensaria a má, seguiu pela estrada! Mas, antes de reencontrar a mãe, denunciado e perseguido por roubo na pessoa do oficial de justiça, foi de novo levado a julgamento e condenado a dez anos a ferros! Pobre rapaz, que lástima, porque sua mãe morreu logo depois sem ao menos ter beijado o filho!

O Sr. Bemardon parou; Pierre-Jean sentia os olhos rasos de lágrimas. O marselhês pegou a mão da velha mulher e colocou-a na de Pierre-Jean.

- Esta é minha mãe - disse-lhe -, e você a salvou! Rezamos juntos pela sua!

Pierre-Jean caiu de joelhos. O Sr. Bemardon o ergueu.

- Meu amigo, hoje mesmo vamos para Marselha; um de meus navios vai levá-lo para o Novo Mundo. Pegue este dinheiro, que lhe permitirá viver para sempre com conforto. Mas prometa que vai procurar trabalho.

- Juro-lhe que vou, senhor, nem que fosse para me reabilitar aos meus próprios olhos!

O Sr. Bemardon apertou-lhe a mão, dizendo:

- Há muito tempo, para mim, você é um homem honrado!

Nessa mesma noite, em companhia do negociante e da velha senhora, Pierre-Jean chegava a Marselha. No dia seguinte, o navio Ceres, de setecentas toneladas, recebia o passageiro por quem esperava e partia de velas desfraldadas para o estreito de Gibraltar ●

Duas cartas a Pierre

Jules Verne

Tradução castelhana: Ariel Pérez

Duas cartas a seu pai, onde Verne fala frequentemente dos problemas políticos que ocorrem em Paris no momento. Nota-se a preocupação constante em tranquilizar Pierre a respeito do clima social na capital.

París, [terça-feira] 12 de dezembro de 1848

Meu querido pai,

Recebi ontem a carta que me enviaste e a soma chegou completa e sem dificuldade. Minha saúde não é boa, e o doutor me recomenda uma alimentação mais abundante. Necessitarei, certamente, do gasto suplementar de um franco por dia.

Ainda que as eleições não tenham acontecido, tem havido muita confusão por aqui. Ontem à tarde, grandes multidões percorreram as avenidas com horrível alarido. Muitas patrulhas circularam pelas ruas; de vários lugares surgiam grupos muito exaltados. De forma geral, há preferência por Bonaparte e a menos que haja uma fraude colossal, presume-se que deva ser nomeado. Uma guerra ou um motim só pode levar à guerra civil. Por quem tomar partido? Quem representará o partido da ordem? Debaixo de que bandeira colocar-se? A guarda nacional, a móvel ou o Exército? Tudo será dividido. O que virá? Não se sabe realmente o que se aproxima. Quanto a mim, cric, crac, tranco minha porta e me ponho em casa a trabalhar, para que não me aborreçam. Que se entendam como puderem.

París, [quarta-feira] 24 de janeiro de 1849

Meu querido pai,

Os jornais devem ter-lhe dado notícias sobre a tranquilidade de Paris. Com os homens e numerosas tropas que ocupam todos os pontos principais, não temos realmente nada a temer. O último intento foi abortado pelas excelentes precauções do poder executivo (que de passagem dá uma famosa bofetada nas belas disposições militares do general Cavaignac) e isso é para nós uma excelente garantia de calma. Também, meu querido pai, não é a isso que devemos temer. É à cólera que, se diz, está em Paris. Embora ainda seja inofensiva e não esteja bem aclimatada, sempre é um mau pensamento diante dos olhos. Se tiver por aí algum talismã mágico cuja virtude possa conjurar o ataque da epidemia, envia-me, porque tenho grande confiança em todos esses tipos de sortilégios!

Vi, meu querido pai, o Sr. Prévot, um de teus antigos e

Quanto a sociedade da senhora de Barrère, querido pai, e as recepções de autores dramáticos, fique tranquilo, dali sei o que se deve tirar e deixar. Mas em qualquer caso, e com boa regra de conduta, creio que há muito mais a ganhar do que a perder. Na verdade, é um prazer incompreendido por muitos em Nantes esse de estar-se envolvido na Literatura, de perceber seus rumos, de ver as diferentes fases por que passa sem cessar! De Shakespeare a Racine, de Scribe a Clerville! Ainda estão por se fazer profundos estudos sobre o presente gênero e, sobretudo, sobre os gêneros por vir. Infelizmente, essa política infernal rouba toda a cena e encobre toda a bela poesia com seu manto prosaico.

Ao Diabo, ministro e presidente, se ainda surge na França um poeta que faça tremer os corações! Tudo é alegria, emoções passageiras, mas sempre remeto a Goethe e repito com ele: "Nada que nos faz felizes é ilusão". Agradeço e beijo à mamãe nas duas bochechas pelos belos presentes de Ano Novo, assim como às minha irmãs.

Adeus, meu querido papai, te abraço de todo o coração.

Teu filho que te quer. Jules Verne.

íntimos amigos. Vi suas duas filhas. A maior é muito simpática e está na idade em que por todos é apreciada e a segunda, que tem treze anos, promete seguir os passos de sua irmã.

Contudo seu pai está em estado lastimável. Está sob tratamento em Paris, porque está completamente cego. Espera-se que possa curar-se e que os violentos remédios que lhe aplicam, tais como ferros em brasa sobre o crânio, possam talvez levar o nervo ótico a seu estado normal. Ele me falou muito do senhor. Espera convidar-me a sua casa quando puder distinguir as pessoas. Ele parece ser uma excelente pessoa.

Adeus, meu querido pai, e digo-lhe que o Dumas pai, que vejo em algumas ocasiões, e seu filho, que me presenteia com entradas para concertos e outras coisas, não têm-me impedido de me deleitar com o Direito romano

Teu filho que te quer. Jules Verne

Mundo Verne